This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

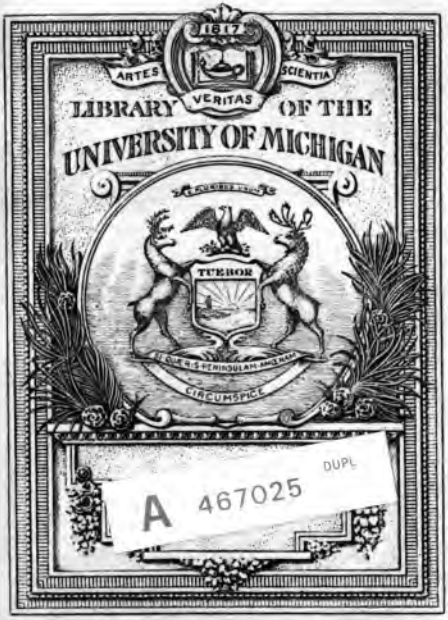
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

8
C



DUPL
A 467025

O HYSSOPE,

POÉMA

HEROI-COMICO.

O HYSSOPE,

POÉMA

HEROI-COMICO.

REINAVA a doce paz na sancta Igreja;
O *Bispo*, e o *Deão*, ambos conformes
Em dar, e receber o bento *Hyssope*,
A vida em ócio sancto consumião.

Hyssope, Cant. 2.

O HYSSOPE,

POÉMA

HEROI-COMICO

POR

ANTONIO DINIZ da Cruz e Sylva.

———Ridentem dicere verum
Quid vetat ?

HORAT. lib. 1. Sat. 1.

Nova edição correcta, com variantes, Prefácio, e Notas.

PARIS,

Na officina de A. BOBÉE.

1817.

L . I . A . A . S .

7695
a 4574 hy
1817

Les notes et la préface de cet ouvrage étant la propriété de l'éditeur, il déclare qu'il poursuivra quiconque les contreferait

63-227716

AO BENEVOLO LEITOR.

ACHANDO-se exhausta a primeira Edição que do *Hyssope* se fez no anno de 1802, em *Pariz*, sob a indicação de *Londres*, intentâmos reimprimir este Poema, o melhor sem duvida que, no genero *Heroi-comico*, haja produzido a Musa Portugueza.

Cumpriría dar aqui uma noticia biographica de seu Autor, o Dezembargador *Antonio Diniz da Cruz e Silva*, e memorar as suas outras producções literarias; mas tão difficil nos é descrevê-las, exacta e adequadamente, pois as não temos presentes; quão impossivel satisfazer o dezejo dos Leitores e o nosso, com a conta fielmente

digna da sua vida publica e domestica. Sabemos unicamente que em literatura antiga e moderna, e na lição dos bons Classicos portuguezes e estrangeiros éra summamente versado; que na cultura das Boas Artes empregava os instantes, que vagos lhe deixavão os encargos com que o Soberano o havia honrado; e que, com justiça, desinteresse, humanidade, e assignalado proveito do Estado, consagrou constantemente ao serviço da Patria o seu prestimo e recta vontade. Aos seus amigos, que saudosos ainda chorão a sua falta, tocca o grato devêr de nos instruirem á cerca das obras literarias e das virtudes moraes, que tanto lustre e bom conceito grangeárão ao seu amigo. A quem, melhor incumbe essa obrigação, e para maior gloria da *Themis* e da *Musa portuguezas*, que ao Senhor *Antonio Ribeiro dos Santos*, que entre os poucos, hora existentes, coévos do nosso Poeta, tanto o con-

versou, com reciproco prazer e satisfacção ?Certos da boa vontade de um sabio tão benemerito das letras e da Patria, e persuadidos, portanto, de que, por carencia de condigno historiador e Vate, não pesará, sobre o nome do nosso Poeta e Magistrado, o denso véo do esquecimento, e que a sua memoria surgirá resplandecente da, já mui longa, noite do indifferente desmazelo, passamos a dar ao Publico a devida conta d'esta nova Edição.

Munidos de alguns manuscriptos, e da já lembrada edição primeira; entre estes poucos elementos achâmos differenças notaveis em sentido; transposições de versos amiudadas; incertas divisões de paragraphos, e orthographia constante em nenhum. Forçoso nos foi recorrer a algumas pessoas de asisada critica, e pedir o auxilio de manuscriptos que gozão da fama de mais correctos, por haverem sido da-

dos pelo Autor; mas poucos forão os homens literatos, que guiar-nos quizérão pelos seus conselhos e com as suas luzes; e d'esses Manuscriptos que haviamos pedido, apenas nos chegou um ultimamente, já depois de completa a impressão do Poema, e das notas que lhe temos addido. No fim d'este Prefacio juntaremos as poucas variantes que n'elle achamos e que julgamos dignas de serem aproveitadas como mais correctas lições: Oxalá o houvéramos nós recebido antes d'esta reimpressão!

Éra pouco provavel alcançar-se um Manuscripto autographo do Autor, pois sabemos, que algumas pessoas que brindadas forão por elle com esta Obra, não possuem mais, que transumptos nitidos, que mandava fazer por amanuenses, mais ou menos intelligentes. Sabemos tambem que este Poema, a principio, constava de menos

cantos, que *Antonio Diniz* o augmentou e corrigiu progressivamente, e que, poucos annos antes da sua morte, ainda o políra e retocára.

Em tanta incerteza, recorrendo ao meio enfadonho de conferencia dos manuscriptos, que nos confiárão alguns amigos e pessoas de respeito, achâmos que a Edição de 1802 éra, com pequena differença, a pesar da sua grande incorrecção, a mais completa, ao menos em numero de versos; e com o fim de não macular e estragar os manuscriptos que nos havião sido communicados, lançámos mão d'essa Edição, e a entregámos ao prélo. Reforçou-se esta resolução, com a consideração da maior facilidade de trabalho na reimpressão de uma Obra em idioma desconhecido dos officiaes typographos que empregâmos.

Para que o Leitor possa ajuizar do

merecimento d'esta nova Edição, comparativamente com a primeira, e das lições varias, que colhemos e aproveitamos de alguns dos manuscriptos; seguímos, quasi ate ao fim d'ella, a mesma *paginação* da outra. Assim poderá qualquer encontrar as variantes, que achámos e lhe damos por melhores; e julgar si, com gosto e acerto, procedêmos na escolha a que nos abalançâmos.

Entregando ao prélo, como materia prima, a referida edição de 1802; a pesar da nossa diligencia e esméro, alguns descuidos se ácharão n'esta. O maior, sem duvida, é a multiplicidade dos accentos, muitos d'elles excusados, outros contradictorios, e alguns avessos á prosodia da nossa lingua. Em seu methodo de escrever (como o provão os manuscriptos antigos, e os livros impressos em Portugal até meado do seculo decimo septimo) os

nossos Maiores empregavão sim abreviaturas, mas não accentos: quando muito, e em tempos mais chegados ao nosso, alguns accentos agudos encontramos em livros, substituindo evidentemente as vogaes dobradas com que d'antes se notava a prolação maior das syllabas, indicada pela prosodia e etymologia das palavras. Podemos por conseguinte dizer que na lingua portugueza os accentos forão, e ainda são, méros signos de abreviaturas.

Com o fim de abonar esta nossa observação, e de proscrever a demasiada notação dos accentos, poderíamos ajudar-nos da autoridade de *Dumarsais* que somente os considera como indicativos do *modo de pronunciar linguas que já estão fora do uso vulgar*: poderíamos ainda mais, valendo-nos de analogías sophisticas, entre as linguas vivase mortas, appellar para o juizo de muitos e illustres sabios,

quaes *H. Ch. Henninius*(1), *Brunck*(2). que, até na lingua Grega, *não dava um seitil por toda a doutrina dos Accentos ;* e outros mais. Com tudo, longe estamos de querer seguir similhantes doutrinas: reprovando o abuso, louvamos e adoptaremos sempre o uso moderado que indica a boa razão, e si n'esta edição muitos accentos ainda se observão excusados, de certo podemos dizer que, escapando á nossa correcção, não chegão a ser a decima parte dos que contem a primeira.

Mais quizeramos dizer á cerca dos caracteres com que se notão a pro-

---

(1) H. Christiani Henninii Ελληνισμος ορθοιδος, seu linguam Græcam non esse pronuntiandam secundum accentus: *pag.* 107 *et alibi passim.*

(2) Brunck. Universam de accentibus doctrinam non assis facio.

Analecta Græca; Lectiones et emendationes in vol. 1. : *pag.* 13.

sodia é o rythmo da nossa lingua; porem não devemos anticipar um nosso Compatriota que se tem occupado d'estes assumptos, que em breve dará á luz o bem sasonado fruto dos seus trabalhos, e a quem sobre tudo devemos sincera amisade, e a communicação leal e instructiva das suas desveladas indagações.

Quanto á Orthographía, visto que não sabemos qual foi o systema que o Autor adoptára; que não possuímos autographo algum d'elle; que nas obras mesmas com que premiava os seus amigos, servindo-se de diversos amanuenses, cada-um d'estes seguia diverso methodo, e finalmente que não temos ainda regras certas de *orthographar* exacta e arazoadamente; accingímo-nos á da primeira Edição. Por esta causa vê-se n'esta, que o verbo *ser* conserva, na maior parte dos seus tempos, a mesma inicial que

em tempos identicos tem no *latim*; sem a addição do H, que em Portuguez é antes signal euphonico ou modificativo, do que letra consoante.

Pela mesma razão de analogía etymologica, eliminâmos tambem o H inicial de *um*, *uns*; e imitando os francezes, conservamos, nas palavras derivadas do Grego, a orthographía da sua origem.

A' cerca da conjuncção *condicional* latina SI, que hoje vertemos em SE; observará o Leitor, que em muitos lugares d'este poema, ella se acha impressa SI. Seguimos este modo de a escrever, não só por ser mais etymologico e adoptado em outras linguas que, como a nossa, derivão da latina; mas tambem porque, em manuscriptos e livros antigos portuguezes, temos encontrado esta *condicional*, escripta SI, e não SE. Ainda mais, como esta

conjuncção SI sempre precede e começa todo o inciso que a pede, é indubitavel que nunca se pode equivocar com o pronome Sî, que sempre tem de ser precedido e accompanhado de alguma preposição; a *sî*, de *sî*, por *sî*, apoz *sî* etc.

Observará outro sim o Leitor que o pronome Sî, quando regido por verbo, muda-se em SE, e que neste caso muitas vezes precede o verbo; e, essencialmente, si o inciso é condicional: ora, encontrando-se com a conjuncção SI, si esta se escrevêr e pronunciâr SE, e si o verbo que se segue, começa pelas syllabas SE, ou CE; o triplice successivo som de SE será sem duvida sobejamente desagradavel, por exemplo: *se se separa*, *se se segura*, *se se segue*, *se se celebra*, *se se semea*, *se se ceifa*, *se se cega*, *se se cêa*, etc.

Observe finalmente o Leitor, que, si

a euphonía das linguas modernas pede muitas vezes alguma alteração, na prolação de palavras que nas linguas de que são derivadas se pronunciáõ bem diversamente; em a nossa, como a mais chegada de todas á latina, a mesma Euphonía pede tambem em alguns casos, e mormente neste, que não desvairemos da etymología e da orthographía, e que evitemos tão ingratas cacophonías, como a que fica apontada. As linguas Hespanhol, e Franceza, hoje mais distantes que a nossa da fonte latina, de que ellas manão, conservárão a orthographía e a pronuncia da condicional SI; os nossos Maiores assim a pronunciárão e escrevérão; escrevámo-la pois, e pronunciêmo-la, como Elles. Declaramos que sempre escreverêmos desta maneira, e que nos pésa de algumas, e não poucas, *condicionaes*, que ainda se achão nesta Edição, impressas em SE, por haverem escapado á nossa corecção.

Daremos outra satifacção *orthographica* á cerca da desinencia em U da terceira pessoa do singular de alguns preteritos, no modo indicativo dos verbos. Os nossos Maiores sempre a terminárão em U, e nunca em O. Hoje algumas pessoas escrevem *lêo*, *ouvío*, *ferío*, etc, e carrégão a penultima com accentos, ora agudos, ora circonflexos. Os Antigos sempre escrevérão *leu*, *ouviu*, *feriu*, etc, sem accento algum; pois não o precisão estas palavras, cujas desinencias, compostas de duas vogaes, formão duas syllabas.

Diremos mais que, por descuido, tornárão a apparecer n'esta edição alguns Y, de que nossa vontade fôra purga-la, por desnecessarios. A nossa lingua não conhece, como propria, similhante letra, nem carece d'ella: admitte-a unicamente em algumas palavras derivadas do Grego, com o fim de conservar mais claros indicios das suas

etymologías; e dá lhe, como os latinos, o simples som do I. Portanto em as palavras *mayor*, *lyrios* e outras, que assim se lêem nesta edição, declaramos que o Y é erro; pois ellas vêm do latim *maior*, *lilium* etc, que o não tem. Quanto a *payz* que vem do francez *pays*, onde o Y sôa como i i, dizemos que em portuguez o Y é inutil, e que se deve escrever *paiz*; pois a letra Z, terminando qualquer palavra, tem a propriedade de fazer longa, sem precisão de accento, a vogal que a precede: por ex: *Marquez*, titulo de nobreza, tem pronuncia e significação bem diversas de *Marques*, appellído de homem e nome patronymico, que quer dizer, filho de *Marcos*.

O erudito *Moraes*, no seu excellente Diccionario, mostra-se tão apaxonado do Y, que até chega a faze-lo letra consoante, e a inseri-lo, contra o genio da lingua, e contra a etymolo-

gia, apoz a vogal *e*, quando seguida das vogaes, *a*, ou *o*. Por motivo de brevidade, somente apontamos, entre muitas, a palavra *teór*, que elle quer, haja de se escrever *teyor*. Indicando esta, como melhor orthographía, parece que não teve outro alvo, que o de amolgar, com os idiotismos *requebrados* da sua patria, a indole varonil e sonora da antiga lingua portugueza d'*aquem mar*. É nos penoso apontar este defeito em obra tão boa, e de pessoa de tanto merecimento; *sed magis amica veritas*.

Lastimemo-nos da infeliz sorte da nossa lingua que, mal falada, mal escrita, e mal pronunciada,

anda envasada
Em mil termos, e phrases Gallicanas:
Como si a bella e fertil lingua nossa,
Primogenita filha da latina,
Precisasse de estranhos atavíos! (1)

---

(1) Hyssope, p. 53.

Lastimemo-nos, ainda mais, da indolencia com que uma Regia Academia, encarregada de manter a pureza da lingua, e de nos dar fixas regras da sua orthographía, postergando tão honrosa obrigação, consente que do seu seio, e da sua officina, sahiam algumas obras em que, e com que,

Os novos idiotismos. . . . .
A mesclada dicção, bastardos termos,
Entre nós, sem limite, vão lavrando. (1)

D'estes males, e da ignorancia da lingua nascem outros ainda maiores, quaes os sentidos falsos, e até contradictorios, que se dão a muitas palavras. Convem prova-lo, com exemplos:

1°. *Resquicio*, que hoje passa por synonymo de *resto*, *sobejo* etc., sem-

---

(1) Hyssope, pag. 53.

sempre significou a separação que, entre o marco e a hombreira da porta, figura esta, quando aberta. Esta palavra, composta de *rez* e de *quicio*, tem etymologia franceza: *rez*, preposição franceza e tambem nossa, que significa *junto a*, *perto de*: *rez de chaussée* etc. em portug. *rez da calçada*, *rez* de terra, do chão etc.; e *quicio*, do francez *huis*, significa *gonzo* e tambem *ferrolho*; em latim *Cardo*, e *vectis*. Como o *h* é fortemente aspirado nesta palavra franceza, os nossos Maiores o suprírão pelo, *q*. Ora como pode resquicio entender-se por *sobejo*, *resto*, etc.? logo é falsa esta accepção.

2°. *Defecar* e *defecado* vem do latim *Defaecare*, *defaecatus*, e é palavra composta da preposição, *de*, e do nome *Faex*, *faeces*; *Fézes*, *borras*: significa em latim, *limpar*, e ainda dizemos *defecar* o vinho, por limpa-lo de fezes, borras. Hoje toma-se, em sentido

figurado, por enfezado, e diz-se, mui impropria e contradictoriamente, de uma pessoa doente e carregada de molestias, que está muito *defecada*, em vez de *enfezada*.

3º. A palavra, *caracter*, que, em sentido figurado, indica a propriedade da cousa, ou a qualidade moral da pessoa; e que, quando neste caso não é accompanhada de epitheto, sempre designa um individuo, qual o pinta o nosso *Sá de Miranda*:

Homem de um só parecer,
Hum só rostro, uma só fé,
D'antes quebrar, que torcer, etc.

hoje dá se a todo o que, atrazado á moda em seu trajo, com bolsa no cabello, ou na cabeleira, espadim á cinta, conserva usos de tempos, ha muito já, preteritos; que, com affectação bem calculada, sabe pelo seu silencio encobrir a sua ignorancia; e

que, obrigado a falar, tantas parvoíces diz, quantos são os monosyllabos que se lhe podem arrancar. Um figurão d'este lote, sendo admittido em cazas de Ministros d'Estado, e de Grandes, posto que a sua indole e costumes, mal acobertados pela mais grosseira e ridicula simulação, sejão tão equivocos como a sua probidade, alcança, com tanto que ricco seja, o nome de *homem de caracter*, quando só lhe compete o de *Homem de carranca*.

Muito podéramos dizer á cerca dos vicios que tem manchado, e continuão a manchar a belleza da nossa lingua em sua pronuncia, orthographía e dicção: mas occorrem-nos á lembrança e o recêo de podermos cahir na censura de haver escrito um tratado sobre esses assumptos, em vez de um prologo a este Poema. Limitemo-nos pois a supplicar á Academia Real das Sciencias de Lis-

boa, queira obstar a tão graves desordens, cujas incalculaveis consequencias são, pelo seu desenfreado progresso, ainda menos damnosas á literatura, que ao trato da vida civil, á Legislação, e até á mesma Religião. Sendo, ha muito já, devedores a essa sabia Corporação de um grande volume do seu Diccionario da lingua Portugueza, o qual findou em a palavra; *Azurrar*-; devemos dezejar que não fique n'isso, e esperar que brevemente nos dará, da mesma lingua, uma boa grammatica philosophica, uma prosodia orthographica, um diccionario etymologico, e um bom tratado das palavras homonymas, e synonymas etc. etc. Com mais facilidade poderá emprehender estes trabalhos, agora que M. Raynouard, (1) membro do Instituto Real de França,

(1) Éléments de la Grammaire de la Langue

acaba de publicar os seus sobre a Lingua Romãa, cujos incontrastaveis vestigios são na Portugueza, mais que em outra alguma das meridionaes da Europa, constantes e bem assignalados.

O Leitor nos perdóará estas digressões, mas pareceu-nos conveniente faze-las, em abono de um Poema que pela pureza da sua linguagem poderá encontrar-se com o desvairado gosto de algumas pessoas avezadas, por menos intelligentes, á insipida e estragada locução do ignorante vulgo.

Sim, Leitor benevolo, este poema goza e sempre gozará das honras de

---

Romane avant l'an 1000.

Recherches sur l'ancienneté de la langue Romane.

Grammaire Romane, ou Grammaire de la langue des Troubadours.

Paris 1816. Firmin Didot.

classico. Não tem phrase, nem expressão, que não seja de natural cunho portuguez. Si o Autor adoptou alguns termos estrangeiros; verb. gr. *Cremes*, *corbelhas*, *bougîas*, *compotas* etc. o mesmo fizérão os nossos Maiores de melhor nota. Cousas que em tempos antigos não erão conhecidas, nome não podião então ter de certo: uma vez admittidas, nome devem ter, e a nossa lingua lh'o deve imprimir, derivado d'o que tem no paiz donde as recebemos, e o mais consoante possivel ao genio do nosso idioma. Assim o prescreve Horacio, que bom Juiz é em gosto, lingua, e poesia. Em as notas dissemos quanto podiamos dizer á cerca destas licenças de que devemos antes louvar, que censurar o nosso Poeta.

Grato nos fôra, sinceramente o dizemos, o podermos desculpa-lo com a mesma facilidade do emprego que, rarissimas vezes, fez de algumas ex-

pressões baxas, e menos acceitas das pessoas praticas em o estylo culto das sociedades onde reina, com a decencia, a polída allegrîa. Mui pequenas são essas nodoas que empánão a terso brilho de alguns versos deste Poema. Prova esta a mais evidente da difficuldade, que a todo o escritor cabe, de conservar a identidade de estylo, e mormente do Comico, sem descahir sobre o rasteiro (1). Considerando pois que o Leitor embaído nas bellezas deste Poema, em nada escurecidas por poucos e leves descuidos, não haverá estes em maior conta, ou que nelles talvez não repare, pareceu nos acerto, não indicar aquî per extenso essas falhas; e, como apaxonados da Musa de *Diniz*, quizemos, mui de proposito, que todo o Critico pouco

(1) Pag. 7. v. 12 e seg. — pag. 19. v. 18. — pag. 64, v. 16 — pag. 87, v. 25.

indulgente só possa exercer a sua censura, a custo de as pesquisar: embóra lhe fique o desvanecimento de haver dado com ellas.

Não ignoramos que apontadas desculpas de leves erros, antes de conhecidos, quasi sempre, gerão injustas desconfianças e desacertados juizos: mas o voto de alguns Francezes, doutos Juizes de poesia, e assaz intelligentes da nossa lingua, para poderem avaliar o merecimento do nosso *Diniz*, que muito prézão, obriga-nos a este acto de imparcialidade.

Em esses mesmos Eruditos francezes acha o *Hyssope* a justiça que, pode ser, lhe neguem os nossos *pascasios* (1): pois aquelles mesmos sabios nos apontárão, com a *Secchia rapita*, e com outros poemas

(1) V. nota 12, a pag. 125.

do mesmo genero, o exemplo da liberdade que tem as linguas meridionaes da Europa de serem, em obras de stylo Comico, muito menos melindrosas que a Franceza; e confessão que *Diniz* muito pouco, é somente nos lugares referidos, usou d'esse privilegio.

Ainda mais, satisfeitos e gostosos com o exame que fizerão d'este Poema, acrescentão (o que tal vez não accredítarão muitos portuguezes, fracos entendedores da literatura franceza e atrevidos ignorantes da sua) accrescentão, e com prazer o repetimos, que o *Hyssope* de nenhum modo semelha o *Lutrin* do seu *Boileau*, em progresso e remate da Acção: que a paridade, notavel entre ambos, consiste unicamente em serem nascidos de ridiculas contendas ecclesiasticas: que a mesma paridade, attendendo ao lugar e ás pessoas, podião, e devião motivar identicos incidentes; mas que

Diniz soube varia-los de maneira a se não equivocarem com as Scenas do *Lutrin*: que o pouco, e muito pouco, que *Diniz* imitou do *Lutrin*, acha-se no *Hyssope*, disfarçado com o talento que requerem a Poesia e o bom gosto (1): que todo o meio é igual, e facilmente travado até á conclusão: e finalmente que, não obstante accreditarem que, a não haver existido o *Lutrin*, não existiria o *Hyssope*, entendem que estes dous lindos e correctos poemas tem, entresi, a mesma dessemelhança que as duas linguas, que se achão por elles enrequecidas, e que o *Hyssope* talvez tenha, sobre o *Lutrin*, o realce de unidade em a sua *vis comica*; pois comicamente acaba o seu oitavo canto, com a engenhosa invenção do Bruxo *Abracadabro*, e dos successos que este vaticína ao *Deão*: quando o

(1) V. nota 9. pag. 113.

sexto canto do *Lutrin* só contem longas e serias conferencias entre a *Piedade Religiosa* e a *Justiça*, com um elogio ao Presidente de *Lamoignon*: semelhante remate a um Poema Heroi-Comico, qual o *Lutrin*, é muito frouxo, nada comico, e não corresponde ao *Genio* jovial que presidiu aos cinco precedentes cantos. Estas opiniões que referimos, e a que assentimos com satisfacção, não são nossas, são de Francezes; e, por vergonha dos nossos pascasios, diremos que tal é a desgraçada sorte da nossa literatura, que entre estranhos, e, em França, acha maior numero de elogiadores, e de rectos juizes, que em Portugal.

Darêmos fim a este prefacio, offerecendo ao Leitor as *variantes* de que já falámos; e pedímos lhe de observar, que, existindo alguns manuscriptos com notas, respectivas unicamente a fa[illegible]s, e a contos menos interessantes

que maliciosos; muito de proposito as suprímos por outras, si não mais instructivas, de certo menos causticas.

Do empenho, com que nos desvelâmos em dar uma Edição completa do *Hyssope* do nosso *Diniz*, poderá ajuizar qualquer pessoa, si quizer reflectir no trabalho que nos coube, longe da nossa Patria, para adestrar typographos, ignorantes da nossa lingua, á composição material d'este opusculo. Afora os leves descuidos já indicados n'este prologo, e os poucos erros, que se achão correctos no fim d'este Livro, não encontrarás, Benevolo Leitor, falhas outras, que as que, facilmente e de bom grado, poderá corrigir e perdoar-nos a tua indulgente sagacidade.

Pag. 11, verso 4.

Que o Sena *borda* de arvores viçosas,

No manuscripto lê-se,

Que o Sena *bordão*, de arvores viçosas.

O Leitor adoptará destes dous versos, o que mais lhe agradár.

Pag. 11, verso 11 e seguintes,

Apontamos em a nota (5) a dureza que encontramos no sentido dos versos seguintes, e intentamos acclara-lo com parenthesis.

Olha do illustre *Almeida* a feliz sorte,
Que os pratos e a bebida lhe ministra.
D'a noite a maior parte assim consome
N'estes projectos vãos; e em nada assenta.

Até que, junto ao toque da alvorada,
A *Lisonja*, tomando a leve forma
D'um doce sonho (apenas *cerra os olhos*)
Entre mil vãos phantasmas lhe apparece,
E assim etc.

No Manuscripto lê-se, e forma-se o paragrapho do modo seguinte:

Olha do illustre *Almeida* a feliz sorte,

Que os pratos e a bebida lhe ministra.

D'a noite a maior parte assim consome
N'estes projectos vãos; e em nada assenta:
Até que, junto ao toque da alvorada,
Apenas, de cansado, cerra os olhos;
Emboscada a Lisonja prestes toma
D'um prazenteiro sonho a leve forma,
Entre mil vãos phantasmas, lhe apparece,
E assim, etc;

Esta ultima lição parece nos mais clara, e até mais poetica.

Pag. 38, verso 13.

Tens de *Serpa* o Auditor, etc

No manuscripto lê se: — *Ouvidor*, em vez de *Auditor*. *Ouvidor* é mais conforme á noticia que achámos em um dos outros manuscriptos donde a démos resumída (*nota* 11, *a pag.* 124). *Ouvidor* é, ou magistrado secular em terras de Donatarios, e por estes nomeado; ou ecclesiastico, com jurisdicção quasi episcopal em terras de Ordens militares. *Auditor* é magistrado militar em os corpos do exercito. Temos tambem, posto que ecclesiastico, um *Auditor* da Nunciatura. *Auditor* é a vos latina da portugueza *Ouvidor*.

Pag. 59, entre os versos 13 e 14.

No manuscripto lêem-se em este lugar os seguintes versos, que não se achão, nem na edição de 1802, nem nos manuscriptos que tivemos presentes, quando reimprimímos o texto d'este poema.

O Padre-mestre vendo-se obrigado
A recontar de Ulysses os trabalhos,
Para o tempo ganhar de recorda-los,
Ronca, escarra, da manga o pardo lenço
Sacca, n'as espalmadas mãos o tende,
Em ambas sopesado, o leva á penca,
Com 'strondo se assóa, e dobrado o colhe;
D'*esturro* então sorvída uma pitada,
O habito saccóde, aos sobácos
Alça o Cordão, arrocha-o na casóla,
E de papo ao Deão assim responde:

Diniz, em este dialogo do *Deão* com o *Frade*, sempre distinguíu as falas de ambos com os *incisos*,— lhe volve o Padre,— diz o *Deão*,—o Padre lhe tornou—: achando-se pois o *inciso* indicativo, que faltava n'este lugar, podêmos crêr que o manuscripto, que o traz, não é obra de Capucho.

Pag. 77, verso 3.

Nem, si quér escapou por innoncente;

No manuscripto lê-se

Não devéra escapar, por innocente;

Esta variante dá, quanto a nós, melhor e mais exacto sentido á oração.

Pag. 86, versos, 17 e seg.

Dos que encontra ás orelhas não se agarra,
E sem antes gastar-lhe a paciencia,
Com questões importunas, os não larga;
Como costuma o zóte do *Sardinha.*

No manuscripto lê-se

D'os que encontra ás orelhas não se agarra,
E não semélha o zóte do *Sardinha*
Que, sem antes gastar lhe' a paciencia,
Com questões importunas, os não larga.

Esta variante é muito mais clara em sentido, e mais regular em progresso de narração.

Pag. 96, verso 23.

Cahe a grossa saraiva, *enchendo* os campos;

No manuscripto lê-se

Cahe a grossa saraiva, *alága* os campos;

Esta variante é muito boa: o verbo *alagar* tem a triplice significação de inundar, encher, e destruir, o que é muito proprio da saraiva. A palavra *enchendo*

diz aqui muito pouco, e amortece o fogo da Hypotyposis a que serve de conclusão.

Pag. 105, verso 6.

Eu, sendo moça, instituida
Fui, etc.

É de notar que na edição de 1802, e em todos o manuscriptos que com ella conferímos, este verso acha-se manco, e manco o démos a imprimir; não querendo atrever-nos a endireitalo: felizmente o manuscripto, que nos veiu ás mãos, depois de impresso o Poema e as notas, traz a seguinte variante:

Na minha mocidade, instituida
Fui, etc.

Com a qual, completa e exacta fica a medição do verso.

Estas são todas as Variantes que temos achado. O Leitor as aproveitará sem duvida; si, como nós, as julgár dignas de preferencia: pois o manuscrito de que forão extrahidas merece todo o credito, tanto pela sua correcção, e pela sua data pouco anterior á morte do Autor, como pela amisade que com este tinha a Pessoa a quem pertence, e que liberalmente n'o lo communicou, para abóno da Musa do seu amigo, e honroso proveito da literatura da nossa Nação.

ADVERTENCIA.

No fim da nota 8 a pag. 123, l. 21; em vez da palavra — emendados —, lea-se — engeitados: d'este modo evita-se a amphibologia que parece conter esse paragrapho.

Em a nota 22 a pag. 136; temos dado ás palavras — *puxativo escalda* — o sentido que presumimos ser o mais proprio. O manuscripto, que alcançâmos ultimamente, traz — *D'um puxativo escalda* — e é conforme n'este lugar com a edição de 1802. Os outros manuscriptos trazem — *c'um puxativo escalda* —, *Do puxativo escalda* —, *C'o puxativo escalda* —. Incertos da significação de *Escalda*, uma pessoa do Alemtejo nos diz agora que entende-se, por *escalda*, isca apimentada, adubada; e tambem, taverna, bodéga, etc., onde se comem taes iscas: sendo assim, escreva-se, et lêa-se:

D'um puxativo escalda se tornava,

ARGUMENTO.

Dado pelo Autor.

José Carlos de Lara, Deão da Igreja *d'Elvas*, querendo obsequiar o seu Bispo, o Ex.mo e Rev.mo D. *Lourenço de Lancastre*, vinha offerecer-lhe o *Hyssope*, á porta da Caza do Cabido, todas as vezes que este Prelado ía exercitar as suas funções na Sé. Depois, esfriando esta amizade por motivos que nos são occultos, mudou o ditto Deão de systema; o que o Bispo sentiu em extrêmo: como uma grande affronta feita a sua ill.ma pessoa: e para o obrigar a continuar no mesmo obsequio, maquinou com alguns seus parciaes do Cabido, que este lavrasse um *Accordão*, pelo qual o Deão fosse obrigado, debaxo de certas mulctas, a não o esbulhar da pretendida pósse, em que se achava. Deste terri-

Accordão appellou o Deão para a Metrópoli, onde teve sentença contra si. Esta é a acção do Poema.

Passado pouco tempo depois da referida sentença, morreu o Deão, e lhe succedeu no Deado um sobrinho seu, chamado *Ignacio Joaquim Alberto de Matos*; o qual, recusando sujeitar-se, como seu Tio, ao sobreditto encargo, foi pelo Bispo asperamente reprehendido, e ameaçado. Então interpoz o mesmo um recurso á Côroa, cujo Tribunal mandando ao Bispo dar razão do seu procedimento, este chêo d'um terror pânico, desistindo da imaginada posse, negou haver tal Accordão, e tudo quanto tinha obrado a este respeito.

Tudo isto dá matèria ao Vaticinio de *Abracadabro*, que é um dos Episodios de que se reveste o presente poêma.

O HYSSOPE,

POÉMA

HEROI-COMICO.

CANTO PRIMEIRO.

Eu canto o *BISPO*, e a espantosa guerra,
Que o *HYSSOPE* excitou na Igreja *d'Elvas*.
Musa, Tu, que nas margens apraziveis,
Que o *Sena* bórda de arvores viçosas,
Do famoso *Boileau* a fértil mente
Inflammaste benigna, Tu me inflamma;
Tu me lembra o motivo; Tu, as causas,
Por que a tanto furor, a tanta raiva
Chegárão o Prelado, e o seu Cabido.

Nos vastos *Intermundios* de *Epicuro*
O grão payz se estende das Chiméras,
Que habita immenso Pôvo, differente
Nos costumes, no gésto, e na linguagem.

Aqui nasceu a *Móda*, e d'aquî manda
Aos vaidosos mortáes as várias formas
De séges, de vestidos, de toucados,
De Jógos, de Banquêtes, de Palavras;
Unico emprêgo de cabeças ôcas.
Trezentas bellas, caprichosas Filhas,
Presumidas a cércão, e se occupão
Em buscar novas artes de adornar-se.
Aquî seu berço têve a espinhosa
Escholástica vãa *Philosophia*,
Que os Claustros innundou; e que abraçárão
Até á morte os perfidos *Solipsos*. (1)
Daquî sahírão, a infestar os campos
Da bella Poezia, os *Anagrammas*,
Labyrintos, *Acrósticos*, *Segures*,
E mil especies de medonhos Monstros,
A' cuja vista as Musas espantadas,
Largando os instrumentos, se escondérão
Longo tempo nas grutas do Parnasso.
Aquî (cousa piedosa!) alçou a fronte
A insipida *Burletta*, que tyranna
Do Theatro destérra indignamente
Melpómene, e *Thalia*; e que recébe
Grandes palmadas da Naçao castrada.
Do denso Pôvo, que o payz povôa,
Um com pródiga mão riccos thesouros,
A trôco d'uma Concha, ou Borboleta,
Ou d'uma estranha Flôr, que representa

As vivas côres do listrado *Iris*,
Dispendem satisfeitos : Outros passão,
Sem cessar, revolvendo noite e dia
Do antigo *Lácio* antigos manuscriptos,
Do roaz tempo meio-consumidos,
Para depois tecer grôssos volumes
Do — H — sobre a pronuncia; ou si se déve
A Conjunção unir ao Verbo, ou Nome,
Que marchão antes d'ella no discurso.
Alguns (mîsera gente!) inutilmente
Compoem grandes *Iliadas*, e técem
Aos vaidósos Magnatas mil Sonettes,
Mil Pindáricas Odes, e Epigrammas,
Aque apenas de olhar elles se dignão.
Estes, cujas cabéças disgraçadas
Não bastão a curar tres *Anticyras*, (2)
Abrazados se crêm d'um sancto fogo,
E ter commercio com os altos Deoses :
Senhores da aurea fama e seus thesouros,
Se inculcão aos Heróes, e em seus delirios,
Se julgão máis felizes, e opulentos
Que o grande Imperador da *Trapizonda*;
Em quanto, na pobreza submergidos,
Cobertos de baldões, e de improperios
Dos Riccos ignorantes, e dos Grandes,
Com môfa e com desprezo, são olhados.

Deste pois populoso, e vasto Imperio

Em paz empunha o sceptro poderoso
O Génio tutelar das *Bagatéllas*.
N'um magestoso Alcáçar, que se eléva,
Com estranha structura, até ás nuvens,
Assiste o grande Nume; e d'allì rége
A Lunática gente, a seu arbitrio.
De transparente talco fabricado
É o largo edificio, que sustentão
Cem delgadas columnas de missanga.
Nos quatro lados, em igual distancia,
Quatro torres de lata se levantão,
Do Capricho ôbra, em tudo, muito prima,
Onde a matéria céde muito á Arte.

Aquì pois a Conselho chama o Génio
Do seu Império os principáes Dynastas.

N'um vistoso sallão, todo coberto
De papél prateado, e lantejoilas,
Se ajunta a grande Corte; e allì, por ordem,
Assentando-se vái: aos pés do throno
De alambres e velórios embutido,
A *Lisonja* se vê, e a *Excellencia*;
Segue-se a *Senhoría*, e a baixo d'ella,
O *Dom* surrado, as grandes *Cortezías*,
O *Wisth*, o *Trinta e um*, os *Comprimentos*;
E lógo o *Vamperismo*, os *Sortilegios*,
Os *Sylphos*, *Salamandras*, *Nymphas*, *Gnomos*
E os outros Génios da subtil *Cabála*. (3)

De mil vãas *Ceremonias* rodeada,
Os assentos reparte a *Precedencia*.

Compôsto o grão rumor, e socegado,
Assim do alto do thrôno o Génio falla:
« Illustres moradores deste excelso
» Magnifico Palacio, bem sabído
» Já ha muito tereis o quanto déve
» O meu augusto Génio, a nossa Côrte,
» Ao grão Prelado, que as ovelhas pasce
» Dos *Elvenses* redîs: notório a todos
» Sem duvida vos é, como pospondo
» Das funções máis piedosas o cuidado
» A's nóssas bagatellas, só se empréga
» Em cousas vãas, ridìculas, e futeis.
» A corrupta, mas Real Genealogia,
» O rôxo tercio-pêlo dos sapatos,
» As pédras, que lhe esmaltão as fivéllas,
» A preciosa Saphyra, a linda Caixa,
» Onde, (sobre *Amphitrite* que tirada
» De escamosos *Delphins*, n'uma aurea Concha,
» Os verdes Campos de *Néptúno* undoso,
» Cercada de *Tritões*, nûa passêa)
» Do famoso *Martin* (4) o verniz brilha;
» Seu emprego só são, e seu estado.
» Em fim, entre os mortáes, não ha quem renda
» A' minha Divindade maior culto.
» Agradecido pois ao grande empênho,

» Que móstra em nos honrar, tenho disposto
» Dar á sua vaidade um novo pasto.
» Que á uma escusa pórta o *Deão* sáia,
» C'o *Hyssope*, a espéra-lo, determino.
» Deste meu parecer quiz dar-vos parte,
» Não só para escutar os vossos vótos,
» Mas para que saibáes e fiqueis cértos,
» Que a Côrte não fazeis a um Nume ingrato. »

Acabou de fallar; e confirmando
Todo o sabio Congrésso o seu dictame,
Um sussurro no Cônclave se espalha,
Ao do *Zéphyro* em tudo similhante,
Quando nas frescas tardes suspirando,
A bella *Flora* segue, que travêssa
Cá, e lá, entre as flores, se lhe furta.

Mas a vãa *Senhoría*, que se lembra,
Que em casa do *Deão* sempre encontrára
A mais benigna, a mais cérta guarida,
Que seu nome na bôcca do Lacáio,
Do Cuzinheiro, da Ama andava sempre,
A cabêça movendo descontente,
Tres vezes escarrou, e a vóz alçando,
D'esta sorte fallou ao grão Despóta:

« Soberano Monarcha, que Tu queiras
» Premiar a quem te honra, emprêza digna
» É de teu coração: eu mesma approvo,

» E mil vezes dictára este conselho ;
» Mas que, para o fazer, hôje pretendas
» Que um *Deão*, de *crescente* e curta vista,
» A dignidade abátta, e a esperar sáia,
» N'uma pórta de escada, o seu Prelado ;
» Nem justo me parece, nem louvavel.
» Se Tu quéres honrar sua Excellencia,
» Outras maneiras ha de consegui-lo :
» Na mesma Igreja de *Elvas*, e Cabido
» Ha um *Bastos*, um *Souza*, dous *Aporros*,
» Que, juntos com os *Pittas*, pódem todos
» Inda á mesma *commúa* accompanha-lo,
» Levantar-lhe a cortîna do trazeiro,
» Lavar-lhe o nédio cû, — e até beijar-lh'o.
» Estes, e outros d'esta mesma estôffa,
» De que o Bispado, quasi todo, abunda,
» A's cóstas vam buscar o gordo Bispo,
» Que inda que um pouco péza, vem seguro ;
» Que são Cavallos méstres, e possantes. »

Máis querîa dizer o vão Dynasta,
Quando, do seu assento, esbravejando,
Se levanta impetuosa a *Excellencia*
O furor que lhe inflamma o grave aspécto
As palavras lhe córta ; e principîa
Cem vezes o discurso, e lógo pára :
Até que néstas descompostas vozes
Finalmente atroou a grande sálla :

» Como! E é possivel que haja quem se atrêva,
» Neste Congrésso, a opporse, cara á cara,
» Aos obséquios, que Tu, oh Nume, ordénas
» A' uma Reverendissima Excellencia?
» Um *Deão*, c'o seu *Bispo* comparado,
» Um cominho não é? Se Tu, oh Nume,
» O teu grande projecto não sustentas,
» Eu só...» E nisto batte o pé na Casa.

Ao rijo som da bestial patada
Tremeu o régio sólio, e o pavimento.
Assentes, e Assistentes assustados
Calírão pela terra. Emtão o Génio
Alçando um pouco a vóz: « Basta (lhe disse)
« Eu disputas não quéro em meu Conselho,
» Minha resolução está tomada;
» Eu a escrevi, eu mêsmo, em meu canhênho;
» E o que escrevo uma vêz, nunco máis bórro.»

Aquî, c'o rôsto um pouco carregado,
O Cônclave despéde; e lógo chama
A vistosa *Lisonja*, que n'um ponto
Cem cáras, cem vestidos, cem figuras,
Cem linguas tóma, e muda brevemente
De palavras, e tom, segundo o gôsto
Dos que o governo tem; e assim lhe falla:

» Magnata principal da minha Côrte,
» Eu, para executar este projecto,

» Entre todos te escôlho ; diligente
» Parte a cumpri-lo ; pois de tuas artes,
» E de ti só confio a grande empreza. »

Acaba ; e máis velóz que a léve sétta
Parte do *Itureo* arco, ou na alta noite
Cahir se vê do Céo brilhante estrella,
Vôa o falso ministro, abrindo os ares.

Junto da bôcca do cruél *Averno*,
A Provincia se vê da *Dependencia*,
Cujos Campos retalha, murmurando,
Um pequeno ribeiro de agua turva :
Não cria em suas margens tronco altivo ;
Mas só hervas humildes, e rasteiras
Produz o seu humor ; se algum arbusto
Máis viçoso rebenta, as suas fôlhas
Tem para a térra todas inclinadas.
Funesto influxo do liquor maligno,
Que o succo lhe ministra ! Aquî, voando,
A *Lisonja* chegou ; e enchendo de agua
Uma pequena infusa, que trazia,
As azas ábre, parte alegremente,
Fendendo os léves áres ; mil Cidades,
Mil Póvos deixa atraz, até que chega
Da famosa azeitona á grande Terra.

Aquî, tomando a forma do Lacáyo

Do fariante *Deão*, entra na Casa,
A tempo que, de *chambre* e de chinéllas,
Pela comprida salla passeava,
Sorvendo uma pitada de tabaco,
Do quando em quando, sua Senhoría;
Ora á janélla chêga, e applicando
Uma pequena lente á curta vista,
O que passa nà Praça vigiava;
Ora arrotando, para dentro, torna.
Ardîa então em calma toda a terra,
E o calor, que as goélas lhe seccava,
Lhe faz bradar por agua, e caramélos.

A *Lisonja*, que ideneo tempo víra
Para tamanha empreza, um cópo enchendo
Da turva lympha do regato impuro,
Com quatro caramélos, n'uma salva
Lhe levou mui lampeira; elle sorvendo,
Com muita mogiganga o fôfo assucar,
Os dêdos lambe, e lógo o copo vaza
Do maligno liquor dentro na pausa.
Acabou de beber; e pouco a pouco
O veneno se actêa dentro na alma:
Uma chamma subtil, um vivo fôgo
Lentamente se atéa: arde em desêjos
De ir o *Bispo* buscar, de offrecer-lhe
O mais activo incenso; mil obsequios
Na cabêça lhe rólão, e o transportão:

Da tarde em todo o résto não socéga,
Nem na profunda noite estas idéas
O deixão descansar um só momento:
Sobre os fôfos colchões revolve o corpo,
Mil maneiras pensando de adulá-lo.
Umas vezes lhe lembra deburxar-lhe
Em dourado papél sua prosapia,
Mas de Genealogía nada entende
O triste, por seu mal: outras lhe occórre
Ir calçar-lhe os sapatos: com inveja
Olha do illustre *Almeida* a feliz sorte,
Que os pratos, e a bebida lhe ministra.
Da noite a maior parte assim consóme
Nestes projectos vãos; e em nada assenta.

Até que, junto ao tôque da alvorada,
A *Lisonja*, tomando a léve forma
D'um doce sônho (apenas (5) cerra os ólhos),
Entre mil vãos phantasmas lhe apparece,
E assim lhe falla: « Oh grande Dignidade,
» Cabêça illustre do Cabido *Elvense*,
» Se do teu alto ingenho hôje pretendes
» Dar ao Mundo uma prova, humildemente
» Tomando o bento *Hyssope*, á porta nova,
» Com elle, o teu Prelado, promto espéra.
» Honrar nossos Maiores cousa é sancta,
» Que a natureza inspira: da Syntaxe
» O cartapacio diz, que *máis illustres*

» *Seremos, quando fórmos máis humildes.* »

Neste ponto accordou o Prebendado;
E vestindo-se á préssa, á Igreja córre;
Sem fazer oração, o *Hyssope* tóma,
E com elle, na porta sinalada,
Sua Excellencia espéra: allî apenas
Da liteira assomou o grande macho,
Por terra se prostrou, e desta sorte
Ao Pastor, que se apéa, o *Hyssope* off'rece,
Que uma sancta vaidade respirando,
Nelle alégre pegou, e o sacro *Aspérges*
Circumspecto lhe lança; em si cuidando,
Que todo este profundo acatamento
A seu illustre berço éra devido;
E, néstas vãas idéas engolphado,
Foi devoto cantar a grande Missa.

CANTO II.

Reinava a doce paz na sancta Igreja ;
O *Bispo* , e o *Deão* , ambos conformes
Em dar , e receber o bento *Hyssope* ,
A vida em ócio sancto consumião.
O bom vinho de *Malaga* , o prezunto
Da célebre *Montanche* , as Galinholas ,
As Perdizes , a Rôla , o tenro Pombo ,
O grão Chá de *Pekin* , e lá da *Méca*
O cheiroso Caffé , em lautas mezas ,
Do tempo a máyor parte lhes levavão ;
E o restante , jogando exemplarmente ,
Ou dormindo , passavão , sem senti-lo.

Em tanto a *Senhoría* , em cujo peito
Altamente ficou depositada
Da soberba *Excellencia* a petulancia ,
Mil vinganças na mente revolvendo ,
Com-sigo mesma diz : « Que ! Por ventura
» Não sou Eu a sublime *Senhoría* ,
» Idolo de Pelões , e de Casquilhos ?
» Quantas Môças gentis , em cujos rôstos
» Entre lyrios brilhar se vem as rosas ,

» A meu culto não rendem seus cuidados :
» Quantos graves Varões, que sobre os livros,
» Ou de cãas sob os élmos se cobrírão ?
» Nas riccas, e faustosas assembléas
» Não tenho porta franca ? Não me fazem
» Os Circunstantes todos mil lisonjas ?
» Não córrem apos mim ? não me festejão ?
» Pois como soffro que a *Excellencia* altiva,
» A seus pés me derrube, e me atropelle ?
» Que triumphe de mim impunemente ?
» Ah ! se esta injuria soffro ; com desprezo
» Entre a gente será meu nome ouvido :
» Nem em Casas armadas de damasco,
» Ou de pannos de raz, onde spumando
» Na ricca transparente porcellana,
» De *Carácas* se sérve o Chocolate,
» Róda o Chá, o Caffé, se joga o *Wisth*,
» Terei, como costumo, entrada livre :
» E sómente nas lojes dos barbeiros,
» Ou pintadas boticas, entre as môscas,
» A vida passarei triste, e sem honra.
» A's armas pois corramos, e á vingança ;
» Que desmaiar á vista dos perigos
» É de ânimo abattido indicio cérto.
» Mil artes, mil maneiras de vingar-me
» Buscará minha astucia. O mundo inteiro
» Hôje conhecerá minha potencia. »
Disse : e sobre o veloz dourado carro,

Que tirão seis Pavões, irada sóbe,
Levemente rasgando o ar sereno.

Nas entranhas de *Rhódope* (6) escabrosa
Uma furna se rasga, tão medônha,
Que um gelado tremor, á sua vista,
Dos tîmidos mortáes os óssos córre:
Aquî luttando sempre em viva guerra,
Rugem mil furacões de oppostos ventos,
Aquî se ouvem silvar horrendamente
Górgones, e *Cerastas*. A *Discordia*
Aquî morada tem, aquî seu thrôno.
A este horrendo hospicio a *Senhoría*,
Battendo as rédeas ás pomposas áves,
Guia o soberbo carro. Espavorido
Da triste vista do medônho alvérgue,
Tres vezes quiz atraz volver o vôo
Das bellas áves o soberbo tiro;
E tres vezes o Génio vingativo,
Sacudindo, raivoso, o longo açoute,
O constrange, por fim, a tomar térra.
Allî do Carro désce, e ás palpadélas,
Pela céga cavérna entra animosa.

No máis profundo da sombría estancia
Assiste a cruél Deosa, cujo rôsto
Apenas se devisa, á luz confusa,
Que espalhão, respirando de continuo,
Por olhos e gargantas, mil Serpentes.

Aquî o Génio chega ; e derribado
Pela terra , que beija humildemente ,
D'esta sorte fallou : « Nume terrivel
» Cujo grande poder , cuja vingança
» A Terra faz tremer , e o mesmo Olympo ;
» A teus pés hôje chega a *Senhoría* ;
» Atrozmente ultrajada , o teu soccôrro
» Contra a féra *Excellencia* , humilde implora :
» Se de peitos illustres gloria , e timbre
» Foi sempre proteger os desvalidos ,
» Tu me vale em meus males , Tu castiga
» D'um Génio insultador a petulancia.
» Alêm disto presumo , não ignoras ,
» Que o farfante *Deão* da Igreja de *Elvas* ,
» Pela baixa lisonja persuadido ,
» Esquecido da sua dignidade ,
» N'uma pórta travéssa , o bento *Hyssope* ,
» Vem , sem brio , off'recer ao gordo *Bispo*.
» Daquî nasce a concordia , que hôje reina ,
» Em desprezo da tua Divindade ;
» Na mesma Igreja o *Ocio* , e a *Perguiça* ,
» De teu poder zombando , nella habitão :
» Tu mesma , se o meu pranto te não móve ,
» Para credito teu , perturbar déves
» Esta serêna paz , que o *Ocio* nutre.
» Tu pódes , se te agrada , a um só acêno ,
» No seio da familia máis conforme ,
» Dissenções semear , motins , e bandos ,

» Banhar no fraternal sangue innocente
» O buído punhal ; e n'um momento
» A Terra confundir , e o Mar profundo :
» Mil *Fraudes* , mil *Ciladas* , e mil *Tramas* ,
» Como Escravas fieis , promptas te sérvem.
» Do *Deão* fascinado pois desperta
» A innata presumpção , o génio altivo.
» Tu faze , que conhêça o desar grande ,
» Em que cahido tem , e se arrependa
» Do baixo incenso , que á *Lisonja* rende :
» Tu lhe traze á memoria , que seu nome ,
» Seu nome illustre , na futura idade ,
» Dos *Deãos* no catálogo , com mófa
» De todos os vindouros será lido ;
» Sabendo-se , que a tanto abáttimento
» Seu spirito chegou ; Tu furiosa
» Os ânimos altéra , e a paz destérra. »

Disse : e o tyranno Nume respirando
Das entranhás um negro e vivo fogo ,
Desta sorte responde : « Bem conheço ,
» Oh nobre *Senhoría* , quanto devo
» A teu soberbo influxo ; quantas vezes
» Auxiliado tens minhas cabálas.
» Sei , que , por teu respeito , se não falla ,
» Na Terra , muita gente ; as muitas mortes
» De que autora tens sido. Não me esquéço
» Do que devo aos amigos. Vai segura ,

« Que eu já parto a vingar tuas affrontas. »

Aquî, sobre um feroz Dragão montando,
Rápidamente vôa : incendios, mortes,
Sacrilégios, traições, roubos ruînas
Vai deixando a Cruél, por onde passa.
Chega dos *Elmos* á Colonia antiga;
E vendo de passage os *Dominícos*;
Entre o Prior, e os frades mil disputas
Sobre o Chá, sobre o Jôgo, e sobre os Dôces,
Que aos Tafues, com mão larga, dá na célla,
E sobre os trastes, que ás Senhoras manda,
Tyrannamente excita : alguns gritavão
Que o Convento roubava, que a Clausura
E religiosa vida se perdêra :
Outros, chéos de cólera, gritavão,
Que por jogar o *Wisth*, e dar merendas,
As rendas dissipava do Mosteiro;
Que por isso, no sancto Refeitorio,
A Fóme cruelmente os consumia.
Mas o sancto Prelado, todo chéo
De exemplar paciencia, e de modestia,
Vociferar os deixa, — e vai jogando.

Entre tanto a *Discordia* encara a porta
Do grande Presidente do Cabido,
A tempo que estirado, á perna sôlta,
Sobre um molle *Sophá*, dormia a sésta.
Roncava mui folgado, e cado ronco

A grande salla estremecer fazia,
Allî, encarquilhando o feio rôsto,
Um *Rosario* tomou, e na figura
Da vélha e carunchosa Ama se torna:
Assim, a lentos passos caminhando,
Ao Cónego chegou; assim o accórda:

« Como, em tão doce paz assim repousa,
» Dórme, e descansa vossa Senhorîa;
» Ao mesmo passo, que na Térra toda
» Do seu nome se faz ludibrio, e mófa?
» Como (discorrem uns) como é possivel
» Que o bom Capitular, que viu o *Papa*,
» Que em *Roma* conversou com o *Datario*,
» E do sacro Palacio com o *Méstre*,
» Que jóga o *Trinta e um*, e máis o *Wisth*,
» Que Chá, e que Assembléa dá em Casa,
» A tanto abattimento hôje chegasse,
» Que á porta da *Commúa* o *Hyssope* traga,
» Para offrece-lo a um *Bispo* de má mórte?
» Outros dizem. — Parece cousa incrivel,
» Que a principal figura do Cabido,
» Que tem lôba de sêda, e trouxe ás cóstas,
» Lá da famosa Italia a *senhorîa*,
» Tanto de si se esquéça, e do seu cargo? —
» E Vossa Senhorîa, ao ocio entregue,
» Dórme profundamente? Accorde, accorde
» D'esse mólle lethargo, que é já tempo;

» Véja o que deve a si, aos seus Maiores,
» A' grande Dignidade, que, brilhando
» Com seus raios, o cerca magestosa;
» E deixe a vil *Lisonja*, que o arrastra. »

Aquî, os turvos ólhos esfregando,
O *Deão* ábre a bôcca, estende os braços,
A cabêça levanta, e desta sorte
Ao Monstro enganador irado falla:
« Que frenezim é este, Vélha tonta?
» Está fôra de si? ou bebeo vinho,
» Que o miôlo lhe faz andar á rôda?
» Réze nas suas contas: Quem a métte
» Em cousas a fallar, que não lhe tóccão?
» Vá-se lógo d'aquî... » Nestas palavras,
Outra vez, sobre o mólle travesseiro
A pezada cabêça cahir deixa.

Então a cruél Deosa, ardendo em ira;
« Pois não queres de grado (lhe tornava)
» Por teu brio acudir, a minha fôrça
» Agóra provarás. » Isto dizendo,
A furtada figura prompta déspe,
As hydras arrepélla da cabêça,
E chêa de furor, uma arrancando,
No seio do *Deão*, feroz a lança,
E subito pélo ar desaparece.
Em tanto a cruél hydra a cáuda férra

Do Cónego nas míseras entranhas.
Em *Delphos* a famosa *Pythonissa*,
Toda agitada d'um furor Divino,
Não géme tão convulsa, tão raivosa
Não córre, não retorce os vivos ólhos,
(Não podendo soffrer a Divindade)
Como o pobre *Deão* : — Do *Sophá* salta ;
Correndo furioso toda a salla,
« Armas, armas (bradava) guerra, guerra. »

A estas vózes acóde diligente,
Da Caza toda a gente ; e presumindo,
Que algum grave accidente lhe roubára
De todo o pouco siso, pégão nelle,
E por fôrça o levárão para a cama,
Onde a crú cachação, a murro sêcco,
Lhe fizerão cessar parte da ráiva.

CANTO III.

Era dia de festa, e na alta torre
Da grande Cathedral, de vinte sinos
O grave Carrilhão, rompendo os ares,
Os freguezes chamava á grande Missa;
Quando sua Excellencia vigilante,
Montando a grãa Liteira, em que se via,
Com modestia exemplar, *Venus* pintada
Sobre um globo de terros *Cupidinhos*,
Qual ao mancêbo *Adónis* ou a *Páris*,
Na *Idalia* sélva já se appresentára,
Para a Sé lentamente se encaminha.

Tu, jocosa *Thalía*, agora dize
Qual seu espanto foi, sua *surpresa*,
Quando á pórta chegando costumada,
Nella o *Deão* não viu, não viu o *Hyssope*.
Tanto foi da *Discordia* o féro influxo!
Caminhante que vê subito raio,
Ante seus pés cahir, ferindo a terra,
Tão suspenso não fica, tão confuso,
Como o grave Prelado: a côr mudando,
Um tempo immóvel fica; mas a ráiva

Succendendo ao desmaio, entra escumando
Na grande sacristia, e d'allî passa
Para o Altar mór, aonde se revéste,
Onde, como costuma, em contrabaixo,
Sem saber o que diz, a Missa canta.
Toda aquella manhãa, uma só benção
Sobre o Pôvo não lança, antes confuso
Em profundo silencio á Casa tórna,
Onde lógo a Conselho convocando
Toda a grande familia, assim lhe falla:

« Amigos, Companheiros, que o Destino
» Fez do meu mal e bem participantes,
» O caso sabereis máis execrando,
» Que até hôje no Mundo se tem visto.
» O *Deão*... » (E aquî, dando um grão soluço,
Em pranto as nêgras faces todas banha,
Suspenso um pouco fica, e lógo tórna)
« O sobêrbo *Deão*, que sempre attento
» Ao meu alto decóro, o sancto *Hyssope*
» Vinha trazer-me á pórta do Cabido
» Hôje não só deixou de vir render-me
» (Ah! que não sei, de nojo, como o conte!)
» Este obséquio devido ao Real sangue,
» Que nas véas me pulsa heróicamente;
» Mas, na sua cadeira empantufado,
» Os Psalmos entoava, em mim fitando
» A carrancuda vista; de tal sorte,

» Que mostrava insultar-me, com desprêso.
» A raiva, e o grão furor, que a alma me occupão,
» Me tem fóra de mim : não sei que faça
» Para vingar tão grande e atroz delicto.
» Vós conselho, vós artes, vós maneira
» (Pois a vós tambem chêga a grande affronta)
» Me dai, para punir este atrevido. »

Disse : e um grande Lacáyo da liteira,
Famoso *Rodomonte* das tavérnas,
A voz tomando a todos, désta sórte
Seu consêlho propoz : « Tão grande caso,
» Senhor, se léva a páu : eu tenho um ráio
» De sége, ha muito já exp'rimentado
» Em funções similhantes, eu com elle
» De sua Senhorìa tal vingança
» Hôje espero tomar, que de escarmento
» A todos sirva... » Aquî o grande *Almeida*
Gentil-homem da Cámera, e da Bôcca,
Homem de Gabinette, e de Consêlho,
Bom Poéta, Orador, *Petrus in cunctis*,
Que góza do Prelado a confidencia,
O discurso lhe atalha deste módo :
« Se este horrendo, execravel attentado,
» Ao vê-lo, digno de que o *Sól* brilhante,
» Os rubidos Cavallos affastando,
» Corresse a mergulhar-se eternamente
» Nas voragens da noite máis espessa,

» Se houvesse de levar, por fórça e armas ;
» Eu armas, coração, e forças tenho :
» Mas violentos remedios só se applícão
» Em mal desesperado ; isto supposto,
» Astucia, e máis astucia se precísa ;
» Que, onde reina a *Prudencia*, nada falta.
» Vossa Excellencia conta no Cabído
» A muitos parciáes, e lisongeiros ;
» Estes pois, sendo a Conclave chamados,
» Poderão sustentar o seu partido,
» E obrigar que o *Deão* faça por fôrça
» O que fazer recusa voluntário. »

A estas vozes, babando-se de gôsto,
O Prelado exclamou : « Oh raro engenho !
» Meu poder, minha fórça, e meu consêlho !
» O teu vóto me praz ; segui-lo quéro.
» Chamem-me, lógo lógo, o douto *Andrade*,
» O *Gran-Penitenciario*, o sêcco *Marques* ;
» E o jantar se prepare promptamente. »

Já na sobêrba meza cem terrinas,
O vapor mais suave derramando,
A insaciavel gula provocavão,
Quando chegão ao cheiro os Convidados,
Que, feitos os devidos comprimentos,
Sem distincção, em tôrno, se assentárão.
Começão a chover lógo os manjares,
Cem Perdizes, cem Pombos vem voando,

Cem especies de môlhos, cem de assados,
Grandes Tortas, Timbales, pasteis, crémes
Cóbrem com symetria a grande mesa:
A cabêça não falta de Vitélla,
Nem do gordo animal a curta pérna,
Cozida em bránco leite, ou doce vinho.
Mil fructas, mil corbêlhas, mil compótas
A terceira cobérta lógo adornão;
E em dourados cristáes, óh loução *Baccho*,
De tuas plantas brilha o rôxo sumo.
Entre tanto na pórta do Palacio,
A cem póbres o Bicho da Cusinha,
Por ordem do Pastor charitativo,
Um Caldeirão de caldo repartía.

Entre os cópos, que em tôrno sempre gírão,
Brevemente propoz o gordo *Bispo*
Aos bons Capitulares seu projecto,
Que todos approvárão, e allî júrão
Pelo doce liquor, que impetuoso
Pelas véas, e cérebro lhes córre,
De o sustentar — até darem as vidas
Por vê-lo felizmente executado.

Assim da lauta mesa entre as delicias
Largas horas passárão docemente;
Em um quejo de *Parma* inda roîa
A alégre Companhîa, pastejando,

Quando das sanctas *Vésperas*, na tôrre,
Fez sinal o relogio. Descontentes
Ao triste som do abhorrecido sino
Se levantão em pé os Prebendados,
E fazendo uma longa reverencia,
Córrem velozes, por fugir da mulctá,
A ganhar no alto Chôro os seus assentos:
Allî mesmo, primeiro que rezassem,
A seus sabios Collegas proposérão,
Que para resolver certo negocio
De máior interesse ao grande Corpo,
Preciso vinha a ser, que ao outro dia,
Em que o *Deão* da Terra se ausentava,
Se ajuntasse o Cabido. Na proposta,
Sem nenhum discrepar, todos concordão.
Engrolados os Psalmos, para casa
Cada um se partiu, em si pensando
Qual seria o negocio, que obrigava
O Cabido a chamar. Alguns julgavão.
Que a *Pia d'Agua Benta* se mudava:
Outros, chéos de gôsto presumíão,
Que para se vender mais caro o trigo,
Que no commum Celleiro se guardava,
Algum Celeste arbitrio se encontrára.

Mas o famoso *Bastos*, d'outra sórte
Comsigo discorría: « Certamente,
» Para nos distinguir da baxa plebe

» Dos vîs Beneficiados, desta feita
» (E como se ufanava !) Se nos manda,
» Que de verde forremos as batinas;
» E que Chapéo azul, com bórlas brancas
» Tragamos na cabêça. » Neste ponto,
Em sí proprio, de gôsto, não cabendo,
Pulava para o ar, batîa as palmas.
Não de outra sorte o misero mendigo,
Que sonha achar thesouros sotterrados,
Se alégra, salta, e fólga, e se imagina
Igual ao gran-*Sophî* da ricca *Persia;*
Que o vão Capitular, que ja se pinta
Na sua extravagante phantasía
A pár do gran-*Lamá*, no fausto e pompa,
Ou do féro *Muphti* dos *Musulmanos.*

Chéo destas idéas entra em casa,
E para dar seu vóto na Assembléa
Com máis legalidade, pedir manda
Ao Rábula do *Céa* alguns Autores,
Que os Canones sagrados commentárão.

—O douto *Accursio*, todo satisfeito
De poder grangear um Prebendado,
Esperando medrar por esta via,
E vestir alguma hora a rôxa murça,
Digno prémio das suas gordas lettras,
Lhe envia o *Bertachino*, o grande *Granha*,
Tamborino, *Escolano*, *Spada*, e *Pichler*;

Meninas de seus ólhos, flor e honra
Da rançosa, indigesta Livraría.

O bom Cónego, vendo os grossos tômos;
De prazer, em si proprio, não cabía:
Julgando, pelo vulto dos volumes,
Que d'elles qualquér seja Autor de arromba;
Já, sem demóra ordena, que lh'os tragam,
Para um vóto lançar, que similhante
Nas Decisões da *Róta* não se encontre;
Papél de Hollanda, pennas, e tinteiro;
E para que compléto em tudo fosse,
A *Roda da Fortuna*, e *Cristáes d'alma* (7)
Trazer manda tambem, fazendo conta
De, em partes, lhe sirgir alguns pedaços,
Que encantado o deixárão, quando os lêra.
Isto ordenado, para a banca chega,
O lenço tira, o grôsso monco assôa,
Tóma tabaco, escarra, os livros abre,
E a folhear coméça; porêm vendo
Que nada entende do que está escripto,
Para a céa se chega, e enchendo a pansa,
Se foi a repousar no brando leito.

Já a rosada *Aurora*, derramando,
Do candido regaço, sobre os prados,
Mil orvalhadas flóres, despertava
Com a trémula luz de sètte côres,
Os miseros mortáes a seus trabalhos;

Quando, na grande salla do Cabido,
Se ajuntão os zelosos Prebendados;
E tomando, por ordem, seus assentos,
Depois d'um breve espaço de silencio,
Se alçou o grande *Abreu*, com rôsto grave,
E feita uma profunda reverencia,
Desta sórte fallou: « Cabido illustre,
» Exemplar de Cabidos, e virtudes,
» Bem sábe vossa illustre Senhorîa,
» Que góza felizmente a distincta honra
» De ter por Chéfe, por Pastor, e *Bispo*
» Um ramo do Real *Portuguez* Tronco:
» Tambem sábe, que a gloria da cabêça
» Aos máis membros se estende; e alêm disto
» Occulto lhe não é quanto se empenha
» Em honrar sua Sé este Prelado.

» Tu, *Sancta Quarentena*, tu o dize;
» Pois viste a importantissima reforma,
» Que em nossas grandes Cappas fez zeloso
» Este grande Prelado, não soffrendo,
» De seus Capitulares em desdouro,
» Os antigos franjados alamares,
» Que a móda já ridiculos tornára. (8)
» Deixo por ora de fazer memoria
» D'outras grandes acções, em que seu zêlo
» Por nós, brilhar se viu; e só não pósso
» Em silencio passar aquélla rara,
» Grande, e quasi Real magnificencia,

» Com que sua Excellencia foi servido
» A muitos membros deste grave Corpo
» Uns *Capitães* fazer , outros *Tenentes* ,
» Alguns *Alféres* , *Adjudantes* outros ,
» Este *Major*, *Sargento* e *Cabo* aquelles ;
» Quando a *Furia* infernal da voraz Guerra ,
» Rompendo as portas do espantoso *Avérnó* ,
» Desboccada sahiu , o ferro , o fôgo
» Nas gárras sacudindo ; e furiosa ,
» Depois de ter corrido largo tempo ,
» Com sanguinosa planta toda a Europa ,
» Em *Portugal* entrou , ameaçando ,
» D'um estrago fatal , nossas Prebendas.
» Nem o raro valor , com que seguindo
» De seus Avós as inclytas façanhas ,
» Ao som da *Caxa* e *Pífaros* , na frente
» Da brava Ecclesiástica phalange ,
» *Coronel General* dignou chamar-se :
» Acção , por cérto , digna de ser lida
» Com lettras de ouro , na Gazêtta da *Haya* ,
» Ou nas folhas volantes , que em *Lisboa*
» Os Cégos apregóão pelas ruas.
» Estas razões , Senhores , nos obrígão
» A olhar , como propria , a honra sua.
» Ella ultrajada se acha indignamente
» Pelo altivo *Deão* ; pois costumando
» (Nós testemunhas sómos , nós o vimos !)
» Vir humilde esperar , c'o sancto *Asperges*

» A' pórta deste Alcaçar , de repente ,
» Mudando de systema , hôje refusa
» Este obsequio render , este tributo ,
» De tão altas virtudes merecido ;
» Turbando injustamente em sua pósse
» O grandioso Prelado. Este desprêzo ,
» Esta pois tão atroz , e nêgra injuria ,
» Que , em menoscabo seu , nas nossas barbas ,
» Se fez ao seu carácter , nós devêmos
» Promptamente vingar. Sim , consultêmos
» Os Canones sagrados , e vejamos
» A fórma , o módo. » — Emtão o *Ramalhete* ,
Theólogo chappado , e Canonista ,
Que o Dialéctico *Pharo* de cór sábe ,
Que de sancto *Thomaz* tem lido a summa , (9)
O *Genet* , *Busembaum* , *Lacroix* , *Guimenio* ;
Que sábe decidir magistralmente
A famosa questão , — se um Burro póde
O Baptismo beber , ardendo em sêde , —
Que argumenta nas Théses dos *Capuchos* ,
E inchando do pescoço as cordovéas ,
Infére , grita , próva , e náda cólhe ;
A vóz alçando grave , e magestosa ,
Nestá fórma votou : « Lavrar-se déve
» Um terrivel *Accordão* , que de exemplo ,
» Da Historia nos annáes , a todos sirva :
» O farfante *Deão* seja obrigado ,
» D'elle em virtude , a desistir da fôrça

» Que ao bom Prelado faz na sua pósse,
» Fulminando-lhe mulctas, e outras penas;
» Este Cabido tem authoridade
» Para o fazer: em muito bons autores
» Assim o tenho lido: este é o meu vóto. »

—O *Bastos*, neste instante, homem versado
Na lição de *Florinda*, e *Carlos Magno*,
Quiz metter seu bedêlho: mas *Andrade*,
De seu discurso não fazendo caso,
Do douto *Magistral* o vóto appóia
Com mil textos que aponta, a troxe môxe;
No *Sexto*, *Decretáes*, e *Clementinas*,
Capitulos inteiros terminantes,
Para prova-lo, encontra; e a outra turba
Que c'o queixo cahido os escutava,
Arqueando, de pasmo, as sobrancelhas,
No que dizem os dous, prompta, concorda.

Em vão o *Thesoureiro*, em vão o *Chantre*,
Homens austéros, que adular não sabem,
S'oppoem tres vezes ao sinistro *Accordão*;
Que a *Lisonja* astuciosa, que, voando
Sobre suas cabêças, invisivel,
Os seus vótos inspira, faz que todos,
A callar-se, os obriguem; murmurando,
E levados da fôrça da torrente,
Assinárão tambem o vão Decreto.

CANTO IV.

N'uma casa de campo, descuidado
Entre tanto, passava alégremente
O farfante *Deão* os longos dias
Em que *Phébo* insoffrido, unindo as furias
A's que ráivoso vibra o *Cão* celeste,
Abraza as calvas terras *Transtagánas*:
Quando o Monstro veloz, que por cem ólhos
Todas as cousas vê, e as cousas todas
Por cem bôccas, cem linguas palra, e conta;
Com cem azas fendendo os largos ares,
Aos ouvidos lhe léva a cruél nóva
Do barbaro Decreto. Em paz serena
Então jogando sua Senhorìa,
Ganhava um real *róber*: mas apenas
As orêlhas lhe fére o infausto aviso,
Quando subitamente lhe cahírão
Das mãos as Cartas. Pallido, e suspenso
Largo espaço ficou. — Não de outra sórte
Immovçl fica, que o mancêbo ardído
Que seguindo no Campo, com seus galgos,
O fugaz animal, subitamente,

Ante os pés do Cavallo, vê a térra
Em profundos abysmos despenhar-se.
Mas das potencias recobrando o uso,
Que o subito desgôsto lhe embargára,
Escumando de ráiva, entre sî disse:
« Pois não quérem a paz, haverá guerra.
» Vós, sanctos Céos, e Tu, Astro brilhante,
» Que o dia trazes, e que o dia lévas,
» E que eu nascer não vejo ha longos annos!
» Vós testemunhas sois, si eu pretendía
» Máis, que em paz desfructar minha Prebenda,
» Comer, jogar, dormir, e divertir-me.
» Mas já que Tu, oh *Bispo* revoltoso,
» E Tu, infame, adulador Cabido,
» A mudar me obrigáes, com vîs Cabálas,
» De tão sancto propósito, — até onde
» Chegão dos *Laras* o valor e o brio,
» Desta vez provareis. » Isto dizendo
Levanta-se furioso; e sem respeito
Ao real *Róber*, que ganhado tinha,
(Tanto póde a paixão no peito humano!)
Assim mesmo, e sem ver quanto indecente
Foi sempre á *Senhoría* andar á páta,
Ao caminho se póz, aos ilhaes dando,
Suando e melancholico entra em Casa.
Allî, sem socêgar, ora passéa
Pela comprida Salla, ora se assenta,
Ora comsigo falla. Em vão a mesa

Os Criados lhe põem; em vão os gôrdos
E tenros Perdigôtos, a sallada,
A fructa, o vinho, os doces o convidão;
Que, sem cêa, esta noite foi deitar-se.
Allî a molle pluma se lhe tórna
Em duro campo de cruél batalha.
Mil cuidados o invéstem; seu decóro
Atrozmente offendido, a todo o instante,
A' memoria lhe vem: ora d'um lado
Os lassos membre vólve, ora do outro:
Suspira, tósse, escarra, e abrindo a caixa
Tóma o insulso *rapé*, e não socéga.

A triste *Senhoría*, que chorando
A deshonra commum, aos pés do leito,
Companhîa lhe faz, compadecida
Do seu desasocego, veloz parte
A trazer-lhe um pesado, e doce somno.

Entre as róchas do *Bósphoro Cimmerio* (10)
Uma gruta se vê, onde não entra
Já máis a luz do sól; sombrîa alcôva,
Onde, em triste lethargo submergido,
Repousa o *Deos do somno*, coroado
De brancas perguiçosas dormideiras:
Em tôrno ao tórpe alvergue não se escuta,
Com seu canto, chamar o esperto *Gallo*
Da *Aurora* a clara luz; nem na alta noite
Ladrar raivosos cães; mas só murmura

Um placido ribeiro, que respíra,
Com o surdo rumor, paz e descanso.
Outros menores *Somnos*, fértil próle
Do indolente *Morphéo*, allî assistem.
Tanta espiga não doura a fértil *Ceres*
No caloroso Estîo; tantas flores,
Na fresca Primavéra, pelos prados
Fecunda não produz a *Madre Térra*,
Quantos alli se vem, todos divérsos
De génios, de costumes, de figuras;
Uns de lugubre aspécto, outros de lédo,
Muitos pesados são, muitos são léves;
Estes, entre vãos sônhos, de contino
Pela escura Cavérna andão voando;
Os ólhos tem cerrados, e dormindo,
De mil hervas lethargicas o succo
Esprémem d'entre as mãos. Calladamente
Aquî se chega a triste *Senhoría*,
E um delles, pelas azas, agarrando,
A' Casa do *Deão*, comsigo o léva,
Que urrando de disgosto, não dormîa:
Mas mal o lumiar tócca da pórta,
Quando o humor somnolento derramado
Do somno pelas mãos, aos ólhos chêga
Do despérto *Deão*, que lógo os cérra,
E a resonar coméça docemente.

Então o Génio, em sônhos lhe apparece,

E fallando com elle assim dizia :
» Que é isto , illustre *Lara* ! Assim desmáia
» Teu forte coração ! Como é possivel ,
» Que quem poude soffrer o grave aspeito ,
» Em *Roma* , das maiores Personagens ,
» Sem susto , sem temor , hôje esmoreça ,
» Pérca toda a constancia , tréma , e géle ,
» Só á vãa ameaça d'um Cabido ,
» A quem faltou , sem ti , alma e cabêça ?
» Animo pois , valor , e seguranca ,
» Que o Campo cederão os inimigos.
» Nesta Cidade tens discrétas pennas ,
» Tens de *Sérpa* o Auditor, que o vélho *Accursio*,
» E *Bártholo* o famoso só desprêza , (11)
» Por que idólatras fôrão , e adorárão
» A *Jóve* , *Marte* , e *Juno* , divindades
» A quem aras ergueu o *Paganismo*.
» O *Céa* tens tambem , tens o *Fernandes* ,
» Oraculos de *Astréa* , que seu dente
» Em Cânones tambem méttem ousados ;
» Estes consulta , e segue os seus dictames ,
» Para o orgulho abatter de teus contrarios. »

— « E tu , quem es , Espirito Celeste ,
(O *Deão* encantado , lhe pergunta ,
Da graça , que no rôsto lhe scintilla)
» Que a consolar-me vens nos meus trabalhos ! »

— » Eu sou (Ella lhe tórna) a *Senhoría* ,

» A quem, com tanto extrêmo, tu adoras. »

A estas vozes, da cama salta fóra,
Por terra se lhe prostra, batte os peitos,
De gôsto dôces lágrimas derrama,
Bejar-lhe quiz os pés; mas neste instante,
Ella desapparece, e elle accorda.

Já o sól, esmaltando com seus ráios
A alégre térra, entrava ás furtadélas,
Das cerradas janéllas pelas fisgas,
E as importunas môscas começavão,
Com seu lento sussurro, e com os curtos
Aguilhões, que nas carás lhes cravavão,
Os poltrões a accordar, que inda dormião;
Quando o nosso *Deão*, todo engolphado
Na Celéste visão, se véste alégre;
As meias *gris de fer*, e máis as luvas,
A Cazàca de seda, e mais a Cappa,
Em sinal de prazer, preparar manda;
O *Crescente* pentéa, e todo guápo
E do pó sacudido, sáhe de Casa.

Ha d'*Elvas* na Cidade um Escriptorio,
Onde assiste a *Trapaça*, e o *Pedantisimo*.
Allî os fêos monstros consultados,
Do gritador *Fernandes* pela bôcca,
Suas respostas dão á rude plebe.
Aquî o Reverendo Prebendado

Seus passos encaminha, e aquî chêga,
A tempo, que de *chambre*, o novo *Caio*
A um rude Camponez, que o consultava,
D'uma fraca jumenta sobre o escaimbo
Com outro seu vizinho, respondia:
Mil livros tem abertos, e mil textos
Em latim, *ad formalia*, lhe repéte.
Mas si o rûstico delles nada entende,
O Doutor muito menos entendia:
« O seu caso (lhe diz) proprio, escarrâdo
» Neste livro, aquî temos, vá seguro,
» Que, a seu favor, terá final sentança. »
Neste momento sua Senhoría
A' pórta chega, e o gran-Consulto, ao vê-lo,
Lógo o rûstico deixa, e vai busca-lo.
A' parte se retirão; e no caso,
Que o *Deão* lhe propoem, ambos conferem.
Aquî a Livrarîa vem abaxo;
De poeira uma nuvem se levanta,
Que sáhe dos vélhos, e traçados livros:
Em vão sacóde os punhos, e a Casáca
O bom *Deão*; que quanto máis sacóde,
Máis poeira dos livros vem cahindo.
Lê, e re-lê o gran-Jurisconsulto,
E depois consid'rando, assim conclue:
« A' Metrópole vossa Senhorîa
» Déve lógo appellar. Isto me ensinão
» Os Doutores, Senhor, que tenho lido. »

—« Inda assim (replicou o fôfo *Lara*)
» Véja vossa merce sempre o que dizem
» No ponto *Van-Espen*, *Dupin*, *Bartholio*.
» Estes livros louvar, e seus Autores,
» N'uma douta Assembléa tenho ouvido.
—« Que *Van-Espen*, *Dupin*, e que Demonio?
(Disse o Consulto então escandecido)
» Esses nomes jamáis, esses escriptos,
» Nem ouvi repetir, nem meu Peculio
» Com elles uma voz alléga, e prova:
» Sem dûvida serão d'alguns Heréges.
» Aquî temos o bom *Panormitano*,
» Em grande lettra Góthica, os *Fagnanos*,
» *Valenças*, *Belarminos*, *Anacletos*:
» Estes sim, que são livros de mão-chéa;
» E não esses Autores estrangeiros,
» Que com sua doutrina a Igreja empestão:
» O que lhe digo, faça: *Appélle*, *Appélle*;
» E deixe-se do máis, que é parvoíce.
» Advirto-lhe tambem, que não se esquéça
» De pedir os *Apóstolós*; e sejão
» Os *reverenciáes*, por que suspendam
» Do malevolo *Accordão* os effeitos;
» E não uma só vêz; mas muitas vezes,
» Com máis, e máis instancia, instantemente.»
—« Isso (diz o *Deão*) é escusado;
» Eu conservo, entre varias baforinhas
» (De *Agnus Dei*, de *Verónicas*, de *Bréves*,

» Que truxe lá de *Roma*, e ao despedir-me,
» Me deu o *Passionei*,) uma Cabêça
» Do glorioso *são Pédro*, cousa rara!
» Obra de insigne Méstre. Talvez este,
» Como Principe foi do Apostolado,
» Baste no nosso caso, a serem nelle
» Os sagrados *Apóstolos* precísos.
» Véja, Doutor, se tem isto caminho,
» Por poupar-me a vergonha de pedi-los. »

— « Não são esses (sorrindo-se, lhe tórna)
» Mas outros, os *Apóstolos*, que digo,
» E que precisos são no nosso caso:
» Esta phrase, Senhor, entre os Praxistas,
» Tem diverso sentido, e significa
» O como a *Appellação* déve expedir-se.
» A alguns destes *modernos* tenho ouvido
» Que fôra no Romano Fóro usada,
» E nelle os Canonistas a pescárão;
» Eu porem deste achado, e d'outros muitos
» De que elles se presumem os Autores,
» (Do bom *Phébo*, bom *Mendes*, e bom *Pégas*,
» A luz e norma dos que o Fóro cruzão,
» Com punivel despejo motejando)
» Cá para mim me rio; pois não acho
» Em meu Peculio similhante nóta.
» Faça pois, sem demóra, o que lhe digo,
» Que outra estrada não tem, por onde póssa

» Do *Accordão* escapar á sem-justiça. »
Corrido, e aconselhado ao mesmo tempo,
Do Doutor o *Deão* se depedía;
Quando o Consulto dando uma palmada
N'um livro, que na banca estava abérto:
« Espere (lhe gritou) que neste instante
» Uma cousa me lembra de substancia:
» De Juizes venáes, e corrompidos
» Tudo esperar se déve; e déve tudo
» Com tempo prevenir, o que é prudente.
» E como os seus, Senhor, são d'esse pórte,
» Se déve recêar, que lévemente
» A sua *Appellação* possão negar-lhe;
» Assim, por evitar longas ambages,
» Que dinheiro, paciencia, e tempo gastão,
» Será melhor que Vossa Senhoria
» Appelle lógo, — *coram probo viro.* »
— » E que querem dizer, Doutor amigo,
» Essas palavras, — *coram probo viro?*
» Que eu do latim estou quasi esquecido:
» Sem embargo de que (dizia o *Lara*)
» Quando fui Estudante, era eu uma Aguia,
» (Não o digo, Doutor, por fanfarríce;
» Que eu de bazófia nunca tive nada)
» Em declinar velóz nominativos:
» E na Classe o trophéo levei mil vezes;
» Por sinal, que de tê-lo, boas fitas
» O Mestre me rapou, que éra um alambre.

» Mas vôão , vôão os ligeiros annos ,
» E daninhos , comsigo , tudo lévão ,
» Os gôstos , a saûde , e a memoria ;
» E qualquér rapazinho agora póde
» Rachar-me com quináos affoutamente.
— « Querem dizer , que Vossa Senhorîa
» (O Fernandes lhe volta) appelar déve
» Perante algum Varão , que em dignidade
» Constituido seja ; *verbi-gratia* ,
» O Guardião dos *Capuchos* , dos *Paulistas*
» O Reitor , o Prior dos *Dominícos* ;
» Este foi efficaz , prompto remédio ,
» Que os famosos letrados *Palma* , *Decio* ,
» *Bártholo* , *Castro* , e *Baldo* descobrírão
» Contra injustos Juîzes , que denégão
» A justa *Appellação* aos Litigantes.
» Esta lembrança é minha , (não entenda
» Que , por gabar-me , o digo ; os meus estudos
» Assaz notorios são nesta Cidade).
» Nove vezes (não trato por agora
» Do Autor da *Arte legal* , nem do *Perfeito*
» *Advogado* , ou do *Flaviense Gomes* ,
» Por serem todos tres de menos pôlpa) ,
» Tenho lido , e cotado em mil lugares
» O grande Portuguez *Cabral* , *Vanguérve* ,
» E o famoso *Bremeu* , de cujo livro
» Faz lógo ver o Tîtulo a grandeza ;
» O mesmo digo do moderno *Campos* ;

» Sem que o nosso *Ferreira* me escapasse,
» Autores todos de maior chorume,
» Que esses seus *Zalweins*, que os seus *Barthelios*.
» Esta lembrança pois, a dizer torno,
» Nem todos a terião; não o *Céa*,
» Não o Doutor *Caetano*, e a récua toda
» Dos nóvos *lettradinhos á franceza*,
» Que sem trégoa as orêlhas nos martélão,
» Não sei com que *Noodts*, nem com que *Strachios*
» E outros galantes nomes táes como estes,
» Que na bôcca não cabem, nem a lingua
» Pôde, bem que se affanne, pronuncia-los;
» *Mouriscos* dévem ser, ou eu me engano,
» Que *Christãos* nunca usárão de táes nomes.
» Vá pois, Senhor *Deão*, e sem recéo
» A sua *Appellação* prompto interponha,
» Que aos Juîzes depois intimar déve,
» Si quér das mulctas escapar ao ráio;
» Que o terrivel *Accordão* lhe fulmina.
» Não durma sobre o caso, nem descanse:
» Que, segundo a vulgar régra em Direito,
» *O Direito aos que dormem não soccorre.*

— « Essa régra, Doutor, é o *Diabo*!
» Merecia, o que a fez, as mãos cortadas.
(O *Deão* assustado repetía.)
» Visto isso, por amor desta demanda
» Heide eu perder a paz, e o meu socêgo,
» Não dormir, vigilar continuamente?

» Oh ditoso *Arganaz*, e tu, *Marmóta*,
» Que sem demandas ter, nem ter cuidados,
» Passáes dormindo quasi o anno inteiro!
» Oh quanto máis feliz é vóssa sorte,
» Que a nóssa, tristes homens! Pois, se acaso
» Queremos defender nósso Direito,
» O Direito nos deixa, se dormimos!
» Meu Doutor, se essa régra é verdadeira,
» Fique o malvado *Accordão* subsistindo,
» Chovão embóra sobre mim as mulctas,
» O vestido de seda, a lôba, a murça,
» Pela agua abaixo vám, tudo se pérca,
» Com tanto que eu não pérca um só instante
» Dos meus suaves, regalados sómnos.»

Aquî, com branda vóz, o bom *Fernandes*
Ao afflicto *Deão* assim consola:
« Senhor, os textos tanto ao pé da lettra
» Se não hão-de entender, como imagina;
» Não é da mente pois do gran-Consulto,
» Qne esta régra dictou prudentemente,
» Que não devam dormir os pleiteantes,
» Que isso serîa desmarcada asneira;
» Sua tenção sómente foi lembrar-nos,
» Que quem litigios tem, e quér vence-los,
» Déve tudo attentar, e ser espérto.»

— « Isso agóra, (cobrando nôvo alento,
» Diz o Deão farfante) é outra cousa.

» Por esperto, não tenha, Doutor, mêdo,
» Que me haja de vencer o gôrdo *Bispo*;
» Que aquî, onde me vê, soû grão lavérco:
» Muitas vêzes no *Wist*, estando a nóve,
» Na segunda partida, os meus Contrarios,
» De táes artes me valho, táes maránhas,
» Que (não tendo máis que um) lhes ganho o *róber.*»

Isto dizendo, e feita uma zumbáia,
Do Doutor *Bartolista* se despéde;
E máis ligeiro, que um ligeiro Galgo
Para casa direito o fio tóma,
Onde, sem se despir, manda, lhe tragam
Prestemente a comida, e prestemente
Engóle, pensativo, alguns boccados;
E na mêsma cadeira, sem deitar-se,
Umas vezes dormindo, outras pensando,
Por algum tempo recostado fica.

CANTO V.

Ainda o chylo bem não tinha feito
O farfante *Deão*; quando, lembrado
Do — *coram probo viro* — do *Fernandes*,
Abre a Caixa, e tomando uma pitada
De mofoso tabaco, assim dizia:
« Que inércia é esta? Que perguiça, oh *Lara*,
» Que os membros, e sentidos te adormenta,
» Quando por inimigos tens em Campo
» O gôrdo *Bispo*, o *Abreu*, o *Ramalhete*,
» Velhácos todos da primeira plana?
» Al'érta, *Lara*, pois; al'érta, al'érta;
» *Que o Direito aos que dórmem não soccóre*,
» E cumpre aos litigantes ser espertos. »

Isto dizendo, o córpo inteiriçava,
E abrindo a bôcca, e os ólhos esfregando,
A modôrra sacóde, em que jazía:
E o suado *crescente* endireitando,
Sem attender ao sino, que o chamáva
A *Vésperas* toccando, nem á mulcta,

Que a bolsa lhe ameaça, Sáhe de caza,
E por-baxo da calma, com que assava
Syrio, ladrando, a sequiosa térra,
Aos *Capuchos*, de tróte, se encaminha.
Sobre uma ágra montanha, que se estende
Em pequena distancia, dos soberbos
Guerreiros muros da triumphante *Elvas*,
O célebre Convento se levanta.
Aquî, da mólle *Inercia* no regaço,
Das austéras fadigas descansando,
Da *Provincia*, se vê cem Padres Graves,
Ex-Guardiões, *Ex-Porteiros*, *Ex-Leitores*,
Ex-Provinciáes, e alguns destes famosos
Pelas artes subtîs, pela ardileza,
Com que forçado tem o *Sp'rito Sancto*,
Nos rixósos *Capitulos*, mil vezes,
Os vótos a seguir do seu partido.
D'estes tambem no meio, allî se encontrão
Do gôrdo badulaque *Ex-Cuzinheiros*,
Na fumosa Cuzinha, entre as tisnadas
Certãas fuliginosas e marmitas,
Com grande gloria sua, *jubilados*.
Aqui, suando pois, como um Cavallo,
Chega o *Deão*, a tempo, que o *Porteiro*
A porta da Clausura prompto abrîa;
E vendo do *Deão* a gran-fadiga,
Desta sorte lhe diz, sobresaltado:
« Que é isto, meu Senhor? Que estranho caso

» Aconteceu á Vossa Senhoria,
» Que por baxo da cálma tão intensa,
» A' nossa Casa o traz tão affrontado?
» Mattou acaso algum dos seus Collégas?
» Roubou a Sacristia? ou, do *Diabo*
» Tentado, violou alguma Virgem,
» E asylo vem buscar na nóssa Igreja? »

— « Nenhum d'esses desastres, Deos louvado!
» Me succedeu; (o *Lara* lhe replica)
» Ao Padre Guardião sómente quéro
» N'um negócio fallar, si for possivel. »

— « Inda bem: pois cuidei que éra outra cousa;
» (Lhe tórna o bom Porteiro) e de assustado
» Fiquei sem sangue, em quasi todo o côrpo.
» O Padre Guardião, antes das cinco,
» Não costuma da sésta levantar-se;
» Mas, por servir á Vossa Senhoria,
» A desperta-lo vou; no em tanto póde
» Lá na Cêrca esperar, tomando o frêsco. »

Isto dizendo, ao Dormitorio sóbe;
E o *Deão*, caminhando para a Cêrca,
Com outro Reverendo, acaso tópa,
De gran-barriga, de cachaço gôrdo,
Que attento o comprimenta, e accompanha.

Quiz então a Fortuna, que este fosse
Um dos Padres máis graves da *Provincia*,

Ex-Guardião, *Ex-Leitor*, e *Jubilado*,
De todos o máis douto, excépto o *Arronches*,
Prégador de gran-fama, na Cidade.
O bom *Lara*, que havia longo tempo,
Que, nesta sancta Casa não entrava,
Aturdido ficou, quando a seus ólhos,
Na Cêrca entrando, juntos se lhe off'recem
As areadas ruas, as Estatuas,
Os Buxos, os Craveiros, as Latadas
De mil flores cobértas, e que, em tôrno,
O virente jardim adereçavão;
E não bem quatro passos tinha dado,
Quando, fitando curioso a lente
Na statua, que primeira allí se encontra,
Pergunta ao *Jubilado*: « Quem é este
« *Monsieur Paríz*? segundo diz a lettra;
» Que por baxo, na base, tem abérta;
» Si se houver de julgar pela apparencia;
» O nome, a catadura, o penteado
» Dizendo-nos estão que este bilhostre
» Foi *Françez*, e talvez Cabelleireiro,
» Inventor do topéte, que o enfeita. »
— « *Páris*, e não *Paríz* diz o lettreiro,
(Circunspecto lhe volve o *Padre Mestre*)
» Nem *Francez*, como crê, Cabelleireiro
» A personagem foi, que representa;
» Mas em Troia nasceu de stirpe regia. »
— « Pois, si *Francez* não foi (replica o *Lara*)

» Como *Monsieur* lhe chamão ?» — C'um sorriso
Lhe tórna o *Padre Méstre* : « Não se admire
» Que isto está succedendo a cada passo :
» Ao pé de cada canto , hoje , sem pejo ,
» Se tratão de *Monsieurs* os *Portuguezes*.
» Isto , Senhor , é móda ; e como é móda ,
» A quizemos seguir ; e sobre tudo
» Mostrar ao mundo , que *Francez* sabêmos. »

— » De tanto pêso pois (lhe volve o *Lara*)
» É , *Padre Jubilado* , por ventura ,
» O saber o *Francez* , que d'isso alarde
» Fazer quizéssem vossas Reverencias ?
» Por acaso , sem esse sacramento ,
» Não podião salvar-se , e serem sabios ?
» Pois aquî , em segredo , lhe descubro ,
» Que o *Francez* , para mim , o mesmo monta ,
» Que a lingua dos selvagens *Boticudos*. »

— « Não diga , Senhor , tal ; que neste tempo ,
» Oh Tempos , oh Costumes ! (diz o Padre)
» O saber o *Francez* é saber tudo.
» É pasmar ! ver , Senhor , como um *pascasio* , (12)
» De *Frances* com dous dêdos se abalança ,
» Perante os homens doutos , e sizudos ,
» A fallar nas sciencias mais profundas ,
» Sem que lhe escape a Sancta *Theologia* ,
» Alta sciencia , aos Claustros reservada ,
» Que tanto fez suar ao grande *Scôto* ,

» Aos *Baconios*, aos *Lelios*, e a mim proprio,
» Desta audacia, Senhor, deste descôco,
» Que entre nós, sem limite, vái lavrando,
» Quem máis sente as terriveis consequencias,
» É a nossa *Portuguez*, casta linguagem,
» Que em tantas traducções anda envasada
» (Traducções, que merecem ser qneimadas!)
» Em mil termos, e phrases *Gallicanas!*
» Ah! sí as marmoreas campas levantando,
» Sahissem dos Sepulchros, onde jazem
» Suas honradas cinzas, os Antigos
» *Lusitanos* Varões, que com a penna,
» Ou com a espada e lança, a Pátria ornárão;
» Os novos ìdiotismos escutando,
» A mesclada dicção, bastardos termos,
» Com que enfeitar intentão seus escriptos
» Estes novos, ridículos Autores;
» (Como si a bella, e fértil lingua nossa,
» Primogénita filha da *Latina*,
» Prêcisasse de estranhos atavîos)
» Subito, certamente, pensarião
» Que nos sertões estavão de *Caconda*,
» *Quilimane*, *Sofála*, ou *Moçambique*;
» Até que já, por fim, desenganados
» Que érão em *Portugal*, que os *Portuguezes*
» Érão tambem, os que costumes, lingua,
» Por tão estranhos módos, affrontárão,
» Segunda vez de pejo morrerião.

» Mas elles tem disculpa ; a nêgra fóme
» Os mîseros mortáes a máis obriga ;
» Sem saber o que escrevem, escrevendo,
» Buscão della o remédio, e, como lógrão
» Os fins de seus intentos ; o que escrevem,
» Seja ou não *Portuguez*, isso que monta ?
» Quem desculpa náó tem, nem a merece,
» É quem vedar-lh'o déve, e não lh'o véda.
» Mas por ora deixemos estas cousas,
» Que o mundo corrigir a nós não tócca.
» Este (como dizia) foi *Troiano*,
» E nos Campos que o *Phrygio Xantho* córta,
» Guardando, em doce paz, o seu rebanho,
» Eleito foi Juîz do grande pleito,
» Que *Juno*, e *Pallas*, entre sî, com *Venus*,
» Sobre a belleza, um tempo, sustentárão ;
» No qual não sei porêm, si com justiça,
» Deu a favor de *Venus* a sentença,
» Entregando-lhe o ricco pômo de ouro,
» Que a *Discordia* lançára n'um banquête.
— « Já nesse pleito ouvi, (se bem me lembro)
» E no pômo fallar : (lhe volve a *Lara*)
» Mas o tal *Monsieur Páris* foi um asno ;
» (Perdoe a sua ausencia). Si na causa,
» De ser Juîz a sórte me coubéra ;
» Darîa mal, ou bem minha sentença,
» Conforme o meu bestunto me ajudasse,
» Sem em nada gravar a consciencia :

» Mas a maçãa havia d'eu papa-la,
» Pelas custas, por cérto; e quando muito,
» Darîa á Vencedora, della as cascas.

» Mas, diga-me, meu *Padre Jubilado*,
» Se gado apascentou esse Marmanjo,
» Como de Cortezão está vestido,
» De Cabello, de bolsa, e penteado? »
—» Essa é boa! (replica o Reverendo)
» Pois parece-lhe, á Vossa Senhorîa,
» Que lhe bastava o sêcco tratamento
» De *Monsieur*, que lhe démos, e um Cajado,
» Um intonso cabello, uma samarra? »
— « Essa razão me quadra (diz o *Lara*)
» E esta *Madama Heléna* (continûa)
» Que delle está defronte, por ventura
» É *Troiana* tambem, ou é *Franceza*,
» Como do penteado mostra o gôsto? »
— « Não foi, Senhor, *Franceza*, nem *Troiana*;
» (Responde o Padre Méstre) d'alto sangue,
» Em a *Grécia*, nasceu; e no seu thrôno
» *Esparta* um tempo a viu: mas Sceptro, Spôso,
» A Pátria, a Fama, a Gloria d'alta stirpe,
» Tudo deixou por *Páris*.—« Pois que! o Spôso,
» A chara Pátria, o Sceptro, a Fama, a Gloria,
» Tudo deixou, por esse *barbas-d'álho*?
» Valente marafona foi por cérto,
» A tal *Madama Heléna*! e quem foi esta?

» Diz a lettra, *Madama Pena-Lópes*,
» (Proseguîa o *Deão*) tal vez seria
» Tão boa, como essoutra?» — Essa (responde
» O douto *Jubilado*) é d'outra láia.
» A famosa *Penélope* foi esta,
» Do Conjugal amor, da fé jurada,
» Do sagrado Hymenêo nas castas áras,
» Um perfeito exemplar, grande Matrona,
» Boa Mãe-de-familias, e estremada,
» Entre as máis do seu tempo, tecedeira.
» N'uma têa gastou máis de dez annos...—
—« Que me diz, *Padre Méstre*? Está zombando!
(O *Deão* aturdido lhe replica)
» Em urdir e tramar uma só têa
» Déz annos consumia a tal *Madama*;
» E diz-me que foi grande tecedeira?
» A minha Ama... e máis é uma Zoupeira,
» N'outro tanto não gasta nove mezes:
» E com tudo, não passa, entre as perîtas,
» Por grande sabichona neste officio. »
—» Nisso mesmo é que estêve a habilidade,
» (O Padre lhe tornou) pois que de noite
» O que de dia obrava, desmanchava. »
—« Peior! (diz o *Deão*) Isso é o mesmo,
» Que para traz andar, qual Caranguejo.
» Jurarei em cem pares de *Evangelhos*
» Que éssa mulher perdido tinha o siso. »
—» Perdido o siso! Que galante cousa!

» (O Padre lhe tornou) antes no mundo
» Nunca mnlher se viu tão atinada;
» E digna de passar á Eternidade,
» Sobre as azas da pósthuma memoria.
» Foi prudencia, Senhor, o que loucura
» A sua phantasîa lhe figura.
» Pois si assim practicava, éra sómente
» Por enganar (em quanto o charo Spôso
» Da prolongada ausencia não volvia)
» Cansados rógos de importunos prócos, (13)
» Que aspirávão do seu consorcio á gloria.
» *Arachne*, que *Minérva* vingativa
» Em aranha tornou, por arrojar-se
» A competir com ella; certamente
» Lhe não levára no tecer a palma. »

— « Como é isso? (o *Deão* diz assustado)
» Pois, salvo tal lugar, um homem póde,
(Isto fallando, todo se persigna)
» Ou póde uma mulher, em fêo bicho,
» Ou animal quadrûpede mudar-se? »

— « Isto fabulas são, com que os antigos
» Quizerão explicar aos seus vindouros
» De muitos animáes a industria, e a arte;
» E alem disso ensinar, que ás Divindades
» Se déve ter um grande acatamento.
» Mas, que acontecer póssa, quem duvîda?
(Dizia gravemente o douto Padre)

» Não fallo agóra das antigas *Lamías*,
» Que inteiros engulião os meninos,
» De *Circe*, de *Medéa*, nem de *Alcina*,
» Ou da vélha *Canidia*, de quem conta
» O bêbado de *Horacio*, as nigromancias.
» Todos sabem, que todas estas Bruxas,
» Em ossudos Leões, manchados Tigres,
» Em ardidos Ginêtes, nêgros Ursos,
» Ou em Toupeiras vîs, vîs Musaranhos,
» A seu sabor, os homens convertião.
» Alêm d'isso, *Apuleio* nos informa,
» Que, por malicia d'uma cérta *Fótis*,
» Em asno, n'um instante, se formára,
» E como asno passára mil trabalhos.
» Não tem ouvido Vossa Senhoría,
» Ruidosos Cães uivar, lá na alta noite?
» Pois que querem dizer aquelles uivos,
» Senão, que anda no bairro *Lobis-homem*,
» Ou homem, por fadario, transmudado
» Em jumento orelhudo, ou em sendeiro? »

— « *Sancto Bréve da marca!* (aquî exclama
O farfante *Deão*, de temor chéo;
E lógo proseguiu.) » Si minha estrêlla
» Ordenado me tem, que por encantos
» De alguma Feiticeira, ou Nigromante
» Em féro bruto eu haja de mudar-me,
» Praza a vós, sanctos Céos! ao Fado praza,

» Que, antes do que em sendeiro lazarento,
» Em brioso Cavallo, elles me mudem:
» Pois assim poderei, inda algum dia,
» A sórte vir a ter de ser Páe d'Egoas.
» Que bons Pôtros darei da minha raça!
» Mas, si muito julgáes o que vos péço,
» Ao menos concedéi-me, que em Fuinha,
» Ou matreira Rapôza me transtornem;
» Só, para do *Bispo* ir ao gallinheiro,
» De quantas Aves tem a dar-lhe cabo. »

Socegado o *Dedo* do seu espanto,
Ao bom Padre pergunta: « E quem é este
» Circunspecto *Monsieur*, que cá se enxérga?»

— « Esse que ahî está, nem mais, nem menos,
» É o facundo decantado *Ulysses*,
» De *Madama Penélope* marido:
» De todos quantos *Gregos* apportárão
» Da *Neptunina Troia* ás curvas praias,
» O máis prudente foi, excepto o vélho
» *Nestor*, que viu dos homens tres idades.
» Este, depois que a cinzas reduzido
» Foi o féro *Ilion*, por suas traças,
» E da altiva Cidade só ficára
» O campo, em que imperiosa antes estava,
» Voltando á Pátria amada, carregado
» De altos despojos da immortal victória,
» De *Néptúno* soffreo a cruél sanha,

» E dos ventos, e vagas açoutado,
» Undîvago correu por longos mares,
» Vendo de muitas gentes as Cidades,
» As várias artes, os costumes vários,
» Até que levantou, na fôz do *Téjo*,
» A Raînha do mar, *Lisboa* invicta.»
— « Oh grande Fundador da minha Pátria,
» (Aquî brada o *Deão*) se mãos tiveras,
» E se pérnas, e pés te não faltáram,
» Os pés e mãos, humilde, te bêjára!
» Mas se manco, e manêta aquî te vêjo,
» E *á franceza* vestido, a mal não hajas
» Que *á franceza* te beje a fria face.»
Disse: e ao cóllo, furioso se lhe lança,
E na face tres bejos lhe pespéga.
Passado este pequeno enthusiasmo,
O *Lara*, proseguiu: « E aquell'outro,
« Que do Jardim no meio se impertiga
» Com cara de Ferreiro, é por acaso
» O grande *Ferrabraz* de *Alexandria*?
» Ou *Galafre* da ponte de *Mantible*?
— » Esse (responde o Padre) foi *Alcides*,
» Cujo tremendo braço, cujos feitos
» Ha-de, por cérto, vossa Senhorîa
» Ter ouvido exalçar discretamente,
» Em seus sermões, ao nosso Padre *Arronches*.
— » Engana se, Senhor: (O *Deão* vólve
» Que eu sermões nunca ouvi em minha vida;

» E posto que, no Chôro, muitas vezes,
» Em razão desta minha Dignidade,
» Ameu pezar, alguns ouvir eu dêva;
» Em quanto o Padre grita, estou dormindo:
» Pois d'outra sórte disfarçar não pósso
» A fóme, que me attáca a ésse horas.
» Se eu algum dia for eleito Bispo,
» (Como esperar me faz o Regio sangue
» De *Lára*, que nas véas me circula)
» Já, desde aquî, meu Padre, lhe prometto,
» Que estes sermões destérre do Bispado;
» E se nelle inda achar quem tenha o flato
» De prégar, lhe darei prompto remédio:
» Mandarei, que cumprindo seus desêjos,
» Vá prégar aos Heréges, e Gentios,
» Que o prémio lhe darão do seu trabalho;
» E escusem de quebrar-nos os ouvidos
» Com uma ìnsulsa dilatada harenga,
» Que ouve, por uso, o Pôvo e não entende;
» E a pagar vem, por fim, por alto preço;
» Dando (cousa que muito a mim me espanta)
» Sem saber o porque, o seu dinheiro.
» Sermões?—E quando quér jantar a gente?
» A fóme só augmentão, causão somno.
» Mas, tornando, meu Padre, ao nosso ponto,
» Este *Alcides*, segundo tenho ouvido,
» Foi o maior tunante dos seus tempos.
— « Foi amigo de Môças? Que tem isso?

» Vê me aquí ? Pois com ter mais de settenta,
» (Dizia o *Jubilado*) nem por isso
» Onde quér que as eu tópo, lhe perdôo. »
— « Outro tanto de mim, oh quanta magoa !
» (O *Deão* exclamou) oh quanto pejo
» Me custa, *Padre Méstre*, o confessa-lo !
» Outro tanto de mim dizer não posso,
» E com tudo não passo dos sessenta ;
» Mas isso é do burél virtude innata.
» Agóra pois, si á vossa Reverencia
» Pesado lhe não fôr, dever quizéra
» Que deste traficante toda a historia
» Me referisse ; pois, segundo penso,
» Ha-de ser vária, e muito divertida.
» Lembra-me a mim, que sendo inda Estudante,
» Do Bacharel *Trapaça*, e *Peravilho*
» De *Córdova*, a história portentosa
» Ouvi lêr (por sinal, que por ouvi-la,
» Na Classe pespeguei valentes gázios)
» A um Clérigo vizinho, bom Poéta,
» Que sabía o *Borralho* todo inteiro,
» E tinho uma escolhida Livraría ;
» E confesso-lhe, *Padre Jubilado*,
» Que nunca, em minha vida, tenho ouvído
» Cousa, que cá no gôto máis me désse. »
— « De bom grado o farei, por dar-lhe gôsto
(O Padre lhe tornou e assim começa :)
« Este grande varão *Alcmena* e *Jóve*

» Têve por Paés, ainda que gran-tempo
» Do forte *Amphitrião* passou por filho... »
— « Com que, de máis a máis o tal *Alcides*
» De barregãa foi filho ?.... Avante, Padre,
» Que o começo prométte grandes cousas. »
(Diz o *Deão*) e o Padre proséguia :
— « De tantas forças foi, lógo em nascendo,
» Que inda elle não contava bem dez mezes,
» Quando, em lugar de berço, repousando
» N'um escudo de cóbre, que a *Pterélas*,
» *Amphitrião* ganhára batalhando,
» Duas Cóbras, máis grósssas que um madeiro,
» Que entrárão a papá-lo surrateiras,
» No silencio da noite, por mandado
» De *Juno*, que em ciûmes se abrazava,
» Rompeu, espedaçou, com máis presteza,
» Do que eu trinchar costumo uma gallinha,
» Quando, com fóme estou, na nósso célla.
» Digo — na célla — ; pois no Refeitorio
» Esta áve nunca entrou ; que nelle reina
» Somente o *Bacalháo*, e talvez pódre.
» Depois, sendo Mancebo, a estribaría
» De *Augias* alimpou, façanha grande... »
— Neste ponto o *Deão* ter-se não pôde ;
Sem que esta sábia reflexão fizésse :
« Filho de Barregãa ! Môço de mulas !
» Vejam de que relé éra a criança ! »
— « Lógo (prosegue o *Padre Jubilado*)

» Fez maiores acções ; um Leão féro
» Na florésta *Neméa* , cara á cara ,
» Destemido affrontou ; e lhe machuca ,
» Com a pesada mássa , o duro casco... »
Aquî chegava o Padre , em sua historia ,
Quando o espérto *Deão* , á pórta vendo
Da Cêrca , o *Guardião* , que a vê-lo vinha ,
Inda do somno os ólhos esfregando ,
O fio lhe cortou , em altas vozes
Ao *Guardião* gritando : « *Appéllo* , *Appéllo*
» Perante vossa sábia Reverencia ,
» Varão constituido em Dignidade ,
» Da affronta , que me faz o meu Cabido ,
» Pretendendo com mulctas constranger-me
» A vir apresentar ao gôrdo *Bispo* ,
» A' porta da latrina , o sancto *Hyssope*.
» Péço tambem , com todo o acatamento ,
» *Os reverenciáes Apóstolos* , mil vezes ,
» Com máis , e máis instancia , instantemente.. »
— « Basta : (o Prelado diz) já interposta
» A *Appellação* está. Agóra , em quanto
» O Reverendo Padre *Jubilado* ,
» Pois Notario não ha , que dê fé d'isso ,
» A Certidão lhe passa , nos sentemos
» Ao pé désta Roseira a tomar frêsco. — »
Dittas estas palavras , se assentárão ,
E o farfante *Deão* assim coméça :
« Por certo , que não póde duvidar-se

» Do augmento , Senhor , que em nosso dias
» Tem tido *Portugal* , por alto influxo
» Do Grande, Forte , e nunca assaz Louvado
» Rei , primeiro no nome , e nas virtudes,
» E do sabio Ministro , que lhe assiste.
» Não fallo nas sciencias , e nas Artes
» Que eu déllas nada sei ; pois meu emprêgo
» A's Lettras applicar-me me não deixa ,
» Como meu gôsto, e génio me pedião ;
» E da Arte da Cusinha tão sómente
» (Que é obra , quanto a mim , màis proveitosa
» Aos homens, que o *Francez*, que anda na môda)
» Alguns pedaços leio , estando vago.
» Fallo , sim , no apparato dos banquêtes ,
» No polido dos trajes , e assembléas ,
» Dos Jardins no bom gôsto , e dos Palacios :
» Digo isto , meu Senhor por que esta Cêrca ,
» Que éra um chiqueiro , ha menos de dous dias,
» Hôje tornada está n'um Paraiso.
» Mas que não poderá um Génio grande ,
» E tal , como o de Vossa Reverencia ? »
O Guardião então todo enfunado ,
Mas modéstia affectando , lhe responde :
— « Aquî que póde haver , que os ólhos encha
»De Vo sso Senhorîa , que tem visto
» As Terras estrangeiras tão gabadas ,
» Si é tudo uma pobreza *franciscana* ! »

— « Tanto não direi eu (replica o *Lara*)

» Que ao vêr deste vergél a amenidade ,
» O desenho dos Buxos , o bom gôsto ,
» Com que estão as figuras trabalhadas ,
« A abundancia dos vasos , e das flores ,
» Que nos jardins estão , se me figura
» De *Castello Gandolfo* , ou de *Frascati* ,
» (Onde fallei mil vezes com o *Papa*)
» Ver o primor , e o curioso asseio.
» Tudo está primoroso ; e só lhe falta
» Para em nada ceder aos máis gabados ,
» Deliciosos jardins de *Italia* , *França* ,
» Uma Cascata , que a de *Terni* iguale.
» Si Vossa Reverencia quér a planta ,
» Eu já mandar-lh'a vou ; que a tenho em Caza.»
— « Esta obra hâde custar muito dinheiro
» (Responde o Guardião) e hôje as esmólas ,
» Para encher a barriga a tantos frades ,
» Que tem fóme canina , apenas bastão.
» Algum dia foi ricco este Convento ;
» Mas estas novas Leis testamentarias
» Dérão um grande córte em suas rendas.
» É verdade , que os sanctos *Exorcismos* ,
» O benzer dos feitiços , e lombrigas ,
» O grande , e extraordinario privilegio
» De *Irmão* , ou *Mãe de frades* , e outros pios
» E sanctos institutos , que inventárão ,
» Devótos e subtîs , nossos antigos ,
» E que nós pelo Pôvo propagamos ,

» Com zêlo, e com destreza, maiormente
» Entre o devoto feminino sexo,
» Inda pingando vão de quando em quando.
» Mas isto tudo é nada, é um cominho,
» A par do que rendia o *Purgatorio!*
» Senhor, o *Purgatorio*, e as *almas sanctas*
» Erão o *Potosí* da *franciscana!* »
Neste ponto, chegando o *Jubilado*
O discurso lhe atalha, e ao *Lara* entréga
A grande Certidão, que passar fôra.
O *Deão* a recébe civilmente,
E com mil importunos comprimentos,
E outras tantas profundas cortezias,
Dos dous Padres, cortez, se despediu:
E correndo, e saltando, como um Corço,
Risonho, e prazenteiro entrou em Casa;
Onde á sua presença, pelos ares,
Faz vir o triste *Luz*, que a honra goza
De toccar mal rebéca, na Sé de *Elvas*,
E de ser, em seu fôro, máu Notario,
Ou péssimo Escrivão, que vále o mesmo:
Alêm disto, cursado tinha as Classes;
E a todas estas cousas ajuntava
Uma profunda erudição, bebida
Nos *Autos de Reinaldo*, e *Valdevinos*,
E do Infante *Dom Pedro* nas partídas,
Florisel de Niquéa, e outros livros
Da andante, da immortal Cavallaria;

Ao qual o *Deão* disse : « Hôje um negócio
» De ti fiar pretendo de importancia ,
» Mas antes será bom , que ao grande *Baccho*
» Algumas libações , como costumas ,
» Aquî faças. » Dizendo estas palavras ,
Ordena , que lhe tragão promptamente
Do bom vinho de *Borba* tres garrafas.
O bom *Luz* transportado á sua vista ,
Sem fazer-se rogar , lógo a primeira ,
A's duas palhetadas deixa enchuta :
Muito tempo não passa , sem que próve
Igual sórte a segunda ; sem descanso
Com a terceira invéste , largo espaço
O forte Campião entra por élla :
E despois que esquentada teve a bilis ,
Assim com o *Deão* falla animoso :
— « Que cousa póde Vossa Senhorîa
» Quérer deste seu Sérvo , que não faça ?
» Que perigo haverá , que não arroste ?
» Da nova *Zembla* os duros caramélos ,
» Irei a passear : ao meio dia ,
» Na *Libya* soffrerei a calma ardente ;
» Com Tigres , com Leões , com Crocodílos
» Audaz affrontarei ; do Reino escuro ,
» Para seu cão de fralda , se é seu gôsto ,
» N'um pulo , lhe trarei o Cão *Cerbéro* ;
» Se mais d'isso se paga , c'um córda
» A' pórta lh'o atarei , como um Macaco. —

— » Menos que isso (bradou o Prebendado)
» Menos que isso de ti hôje pretendo.
» Uma *Appellação* só quéro que intimes
» Ao gôrdo e féro *Bispo* : isto sómente
» De ti hôje desêjo , e de ti fio. »

Aquî , mudando á côr do triste rôsto ,
Começou a tremer o novo *Alcides* ,
E com vóz balbuciante , lhe replica :
— « Muito illustre Senhor , tão grande empresa
» Minhas fôrças excéde : o mesmo *Achilles* ,
» *Mandricardo* , *Gradasso* , *Sacripante*
» Commette-la , por cérto , receáram ,
» E *Orlando* , inda que fôra verdadeiro.
» D'ella pois me dispense ; que eu sem pejo ,
» Ante os Céos , ante a Térra hôje confésso
» Que meu ânimo a tanto não se atréve. »

A este breve discurso , ardendo em ira ,
O *Deão* exclamou : « De minha vista
» Vai-te , indigno Furão , vil e rasteiro ,
» A quem , na cára e feitos , te pareces ;
» Que eu saberei achar quem me obedeça. »

Trémulo , e semivivo o pobre *zóte*
Então se foi d'allî escapulindo ;
E o farfante *Deão* fica suspenso ,
No peito revolvendo a quem daria
A grande Commissão : — quando á memoria

Lhe traz a *Senhoria*, (que a seu lado
Invisivel assiste) o bom *Gonsalves*,
Escrivão atrevido, e sem piedade;
Que a si mesmo prendéra, se podéra.
« Este sim (exclamou então contente)
» Que é capaz de citar a *Jesus-Christo.* »
Isto dizendo, que lh'o chamem, manda.

A *Senhoria* então, tomando a forma
Do Galopim de casa, velóz parte,
E com elle voltou *in continenti*;
A quem lógo o *Deão* propõem a empresa,
Que elle, sem duvidar, risonho acceita,
E para a executar, tempo opportuno,
Chéo de confiança, a esperar, parte.

CANTO VI.

JA' o *Sól* grande espaço declinava
De brilhante *Zenith*, para o *Occidente*;
E a socêgada *Tarde*, couduzida
Nas frêscas azas dos subtîs *Favonios*,
A passeio os Peraltas convidava,
Quando, por divertir sua *Excellencia*
O fastîo, que a longa ociosidade
Nos peitos dos mortáes tyranna géra,
Se dispoem a sahir, como costuma
A frescura a gozar do seu *Versalhes*.

Mil infandos prodigios (trama urdida
Pela mão industriosa da *Excellencia*,
Para obriga-lo a não sahir de casa)
Esta infausta jornada precedérão.
A' mêsa pôsto, e a beber um cópo
De generoso vinho da *Madeira*,
Em vinagre, na bôcca, se lhe torna
O suave liquor, e ao mesmo passo,
No Apparador, saltando um Gato nêgro,
Em hastilhas lhe faz, com grande estrondo,

Os dourados cristáes, que nélla estavão.
Depois, dormindo docemente a sésta,
Se lhe figura, no melhor do somno,
Que andando de passeio pela Quinta,
Com passos lentos a elle se chegava
Da nóra o vélho Burro, e alçando o rabo,
Dous couces lhe pregava no vazío.
A' phantástica dor, gritando, acórda;
E acodindo a familia promptamente,
Lhe narra o triste caso, inda assustado.
Mas, passado o primeiro sobresalto,
Desenganado em fim de que éra sônho,
A vestir-se coméça: então calçando
O polido sapato, das fivellas,
Salta da Guardaroupa ao aureo técto,
Com medônho estampido, a melhor pédra.
Finalmente, ao montar á Carruagem,
Battendo um gran-Bizouro as nêgras azas,
Com horrendo stridor lhe açouta as ventas,
E um Pardal lhe estercou no tejadilho.

Neste instante a *Excellencia*, que tomado
Tinha do grande *Almeida* a gentil fórma,
Vendo que estes agouros não bastávão
Para aterrâr do *Bispo* o fórte peito,
C'uma grande zumbaia, assim lhe falla:
— « Se crêr em abusões é de almas fracas,
» Desprezar portentosos vaticinios

» É de peito obstinado, ensurdecido
» A's vózes, com que o Céo mil vezes falla.
» Si em *Africa Catão*, si em *Roma César*
» Déram fé aos presagios, nem aquelle
» Nas férvidas aréas Africanas
» Acabára infeliz: nem no Senado
» A's mãos de *Cassio* e *Bruto*, ferozmente,
» Este fôra, qual rêz nas áras, môrto.
» O mesmo digo do temîdo *Almeida*,
» De quem Vossa Excellencia tem o sangue;
» De *Cambaya* murchar as altas palmas
» Na brutal *Cafraría* elle não víra,
» Si affouto, ou temerario não zombára
» Do batter dos sapatos dos *Menezes*.
» Vossa Excellencia tem visto os portentos,
» Que lhe tem neste dia acontecido:
» Ah! si a mente presága não me engana,
» Algum grande desastre pronosticão,
» Neste passéio, que fazer intenta.
» Para illudi-los pois, tórne a apear-se,
» A' Casa se recôlha: considére
» Que, por grande, a cautéla nunca dana.
» Si pois da ociosidade, e seus prestigios,
» Que tanto horror lhe faz, fugir desêja,
» Mande chamar alguns Capitulares,
» E, com elles, em sancta paz, jogando,
» O résto passe da calmosa tarde,
» E não queira, com vãa temeridade,

» A seu gôsto a razão sacrificando,
» Desafiar a cólera dos Astros. — »
A estas vozes, risonho, o gôrdo *Bispo*
Lhe responde: « Meu Filho, bem conheço,
» Que o amor, que me tens, é quem te dicta
» Essas sábias razões; mas que diría
» Ésta marcial Cidade, que admirando
» Meu heróico valor, trazer pendente
» Do bordado tálim, me viu na guerra
» Uma talhante espada; e sobre tudo,
» Erguer da cama, n'uma fría noite,
» Por correr, sem temor, suas muralhas;
» Quando o fôgo nas altas atalayas,
» Brilhando tristemente, annunciava
» Roubos, assolações, incendios, mortes;
» Si hôje soubesse, que eu ficava em casa,
» Assombrado de quatro bagatellas?
» Eu confio no Céo, que esses succéssos
» Nada contenham, que aziago seja:
» Mas, si assim succeder, constante, e forte
» Irei por onde os *Fados* me chamarem. »
Isto dizendo; confiado ordena
Aos Môços, que caminhem sem demora.

No tempo que estas cousas succedião
No Episcopal Palacio, o bom *Gonsalves*,
A quem a grande empresa disvellava,
Sendo por seus espîas avisado

De que o *Bispo* sahîa ; approveitar-se
Da occasião , que a Sorte lhe off'recía ,
Comsigo determina ; e a toda a préssa
A vestir-se coméça : quando a cara
E longéva Consorte , do Cartorio
Nas sórdidas trapaças tão versada ,
Como o déstro marido , toda chéa
D'um pânico terror , que dentro n'alma
A feróz *Excellencia* lhe infundíra ,
Ao cóllo se lhe lança , e assim lhe falla :

« Onde , oh Luz de meus ólhos , doce Espôso ,
» Assim córres velóz , assim me deixas
» Cercada de recéos e tristezas ?
» O *Bispo* vás citar ? Ah ! tu não sabes
» Qual é deste Prelado a sancta raiva ?
» Ignóras , que as menores bagatéllas ,
» Em seu conceito são graves insultos ,
» Que castigar costuma sem piedade ?
» Tu , oh pobre *Milheiro* , tu o dize ,
» Que por zombar da fita do palmito ,
» Na respeitavel face do *Roquéte* ,
» (Mestre de Ceremónias , e Cabálas ,
» Cóm poder de Assistente , junto ao sólio ,
» Para insultar , sem termo , os póbres zótes
» Em toda esta Cidade , e seu Bispado)
» A jazer longo tempo na Cadéa
» Barbaramente condemnado foste !

» Não sabes, que a pezar das leis sagradas
» Do nosso piedosissimo Monarcha,
» Elle *meirinho* tem de vára alçada,
» Que prende, escórcha, e rouba impunemente
» A' sombra do sagrado Sanctuario?
» Pois, como a provoca-lo hôje te arrojas,
» Por servir o *Deão*? Crês por ventura,
» Que elle te livrará das suas garras?
» Ou fias-te talvez em que és sujeito
» A outra jurisdição? Mas, oh! repara
» A quantos, como tu, leigos izentos
» Em seu cruél aljube opprime, e vexa!
» Oh! si um raio voraz dos Céos descesse,
» E todos os aljubes abrazasse!
» Quantas, oh Céo! oh, quantas se evitáram
» Vexações, injustiças, e insolencias!
» O'lha o que succedeu, ha pouco tempo
» Ao Charlatão do Medico pequeno
» (Que a hábito perpetuo de Estudante
» Foi, de *Esculapio* em Junta, condemnado,)
» Por não dar alimentos á Consórte
» Em dinheiro corrente; que de balde,
» Os homens, e as estrellas attestando,
» Allegava não ter o miseravel,
» E em vão, para paga-los off'recía
» A venda de seus prédios, ou seus fructos;
» A pezar da Razão, e da Justiça,
» Com publico pregão excommungado!

» Bem que dizer-se d'elle se não possa
» Que de Herodes á féra tyrannia,
» Nem se quér escapou por innocente;
» Pois só, d'uma pennada, a muitas almas
» Tem feito as margens ver do *Stygio* Lago,
» Onde por elle esperão barregando,
» Para as barbas tirar-lhe, e a cabelleira!
» Pertendes pois que o mesmo te succeda?
» Ah! não, amado Spôso, por aquelles
» Primeiros e suavissimos instantes
» Do nosso doce amor, pela fé pura,
» Que no sagrado laço me juraste;
» Por estas térnas lágrimas, que chóro,
» Que a tanto não te exponhas: ah! não queiras,
» A ti mesmo cruél e a meu socêgo,
» Roubar-me á triste vida, dar-me a pena
» De ouvir-te excommungar pelas esquinas!
» Ou prezo cruelmente, entregue ás gárras
» Do Meirinho voraz, qual tenra Pomba
» Entre unhas cruéis de Açor ligeiro.
» Do meu pranto tem dó, e dos cansados
» Longos annos da minha amarga vida. »
Aquî um magoado, e gran-suspiro
As queixas lhe atalhou; que o sentimento
A voz lhe congelou dentro no peito.

Então o grande, e intrépido *Gonsalves*,
Assim, de brîo chéo, e de ternura,

A tîmida Consórte alenta, e anîma.
» — Enxuga o bello pranto, oh bella Spôsa,
» Que sem causa derramas, pois com elle
» O forte coração me despedaças.
» Eu não vou combatter algum Gigante,
» Nem tenho o *Tamorlão* por inimigo;
» Vou fazer meu officio, e bem conheço
» A quanto me abalanço, e me aventuro.
» Mas que dirá o Mundo, si vir hôje,
» Que eu fujo dos trabalhos com o corpo?
» De máis, que deste excésso, a que me arrojo,
» Tu a causa so és; pois d'outra sórte
» Mal poderei, Meu ricco Bem, comprar-te
» A Saya, a Cappa, a Fita, o Léque, o Pente.
» Os annos estão cáros, e eu não devo
» Um gancho desprezar, que raras vezes
» A Ventura depára, e nos off'rece.
» As Censuras, o *Bispo*, e sua vára,
» Vãos espantalhos são, que não me assustão;
» Eu não temo o Meirinho, nem da Igreja
» O forte raio, sem razão vibrado;
» E para me livrar do *Bispo* ás iras
» Tenho braço, artes tenho, e tenho modo.
» O sustó deixa pois, que brevemente
» Tu me verás tornar sem frio, ou fébre,
» A gozar de teus mimos, teus favores. — »
Isto dizendo, de seus braços fóge;
E mais ligeiro, que o ligeiro Gamo,

A esperar, se partiu, sua *Excellencia*.

Já, na ricca liteira recostado,
Da Cidade sahîa o gôrdo *Bispo*.
Dous lacaios membrudos, e possantes
Guiavão a compasso os grandes machos;
E dous do mesmo talhe, na dianteira,
A lenta e perguiçosa marcha abrião.
Nos altos Campanarios os Donatos,
E das Freiras as Môças, muito alegres
Davão, como costumão, aos badalos.
Quando o bom Escrivão, que prompto estava,
Qual sagaz Caçador, que alégre e féro,
A' porta d'uma mouta a rêz espèra,
A' liteira se chega, e respeitoso,
Uma Carta ao Prelado lógo entréga,
Na qual a *Appellação* descomedida
Em lettra garrafal ìa traçada.
O innocente Pastor, que não suspeita
O veneno mortal, que em si levava,
Depois de lhe lançar a sancta benção,
Com risonho semblante, péga nélla,
O sobrescripto rompe, e soletrando,
Entra a lêr com trabalho; mas, apenas
O sentido da astuta Carta entende,
Começou a tremer; das mãos lhe cáhe
O atrevido papél. Não, si cem boccas,
Cem linguas eu tivesse, e a vóz de férro,
Poderîa contar qual foi a ráiva

Do gôrdo *Bispo*. A *Ira*, a *Impaciencia*,
A *Soberba*, a *Vingança*, e outras *Furias*
O rodeão, o agitão, e o transportão:
O rosto se lhe inflamma; os ólhos, tinctos
D'um vivo e negro sangue, lhe chammejão;
Escuma, géme, e brama, range os dentes.
Tam cruél, tam spantoso, tam feróz
Não tréme, não avança, não se rasga
O que mordido foi de Cão danado,
Quando o triste venêno, que fervendo
Pelas véas lhe córre impetuoso,
Ao coração lhe chega, e lh'o devóra;
Como o grave Pastor! A vil *Perguiça*
Que a seu lado jazia recostada,
Ao vê-lo, d'allî foge espavorida.
Em fim, em ráiva ardendo, grita e clama
Aos Lacáios, que lógo, sem piedade,
Aquelle infame ousado lh'o castiguem.
Então os insolentes vis Mochilas
Arrança das espadas, que, em desprezo
Das Leis e Magistrado, á cinta trazem,
E chéos de grande ira, quáes ráivosos,
Arremessados Cães, que ardidos séguem
O féro Javali, que veloz fóge
A emboscar-se na densa e vasta mouta,
Córrem, sem tino, apoz o bom *Gonsalves*,
Que em seguro já pôsto, ao pé da *Guarda*,
Os ólha com desprezo, e com insulto.

Não de outra sorte rubido Podengo,
Que seguindo fiel, e lisongeiro
O rûstîco Salôio, que à Cidade
Vem, de seus Campos a vender os fructos;
Si ao pé d'alguma esquina se demóra,
Preso da vista das formosas côres
Da galhofeira Cidadãa Cadélla,
E sobre elle cahindo a roáz turba
Dos bairristas Cachorros, que a namorão;
Entre as pérnas mettendo a longa cáuda,
Córre, sem se deter, até que chêga
Junto de seu Senhor, a cujas ábas
Seguro e confiado encrespa as ventas,
Contra elles se revira, então rosnando
Lhes mostra os brancos, navalhados dentes.

Denodado *Gonsalves*, (si meus versos
Alguma cousa pódem, si rompendo
A névoa escura dos futuros évos,
Sobre as azas do Tempo se espalharem
Pela terráquea mole) em quanto *Alcaides*,
Quadrilheiros houver, houver *Meirinhos*,
O teu nome será sempre famoso,
Pelo heróico valor, com que abarbaste
Do gordo Bispo a temerosa sanha;
E dos *Leilões na Praça*, em quanto ás nuvens
A fronte levantar a gran-*Lisboa*,
Entre a terrivel pestilente córja

De Alguazis desalmados e vorazes,
Com inveja e louvor, serás de todos
Pelo primeiro Beleguim contado.

Em tanto a *Senhoría*, que presente
A' esta Cómica scena sempre estêve,
Chama a *Fama* velóz, e lhe encarrega
Que a gran-nóva ao *Deão* léve ligeira.
Estava então o triste combatido
De alégres esperanças e temores;
Umas vezes confia, outras recéa,
Que o Escrivão medroso não se atreva
A proseguir no empenho começado;
Quando a rápida *Fama*, em seus ouvidos,
A nóva espalha do feliz successo.

Vós, *Filhas da Memoria*, que do *Pindo*,
Concordes habitáes as frescas sélvas,
Qual foi seu gran-prazer, dizei agora.
De *Baccho* nas solemnes *Anthestérias*,
As desenvoltas *Ménades* não correm,
Nyeteleo invocando, máis furiosas,
Do *Deos*, e da *Alegria* arrebatadas;
Como o farfante *Lára* córre as cazas,
Gritando de contente. Os Moços chama
E a todos, entre grandes gargalhadas
Todo o successo narra. Ora lhes pinta
Do arrojado Escrivão a grande astucia,
Ora as vãas iras do cruél Prelado.

Oh geração humana, e quanto és fácil
No meio da bonança a engrimpinar-te,
Sem temer, que a pellada má *Fortuna*,
Lûbrica, extravagante, caprichosa,
Te vire as cóstas, e te mostre a calva!
Tu, oh farfante *Lara*, em pouco espaço
O viste, por teu mal, tu o provaste;
Pois, quando máis ditoso te julgavas,
De improviso fugiu tua alegria;
Qual léve exhalação, que apenas nasce,
Nos abysmos do Céo desapparece!
Engolphado o *Deão* nas esperanças,
Que este fausto principio lhe annuncîa,
Aos Criados ordena *in continenti*,
Que para festejar o feliz cazo,
Uma splendida Cêa se prepare;
E á Vélha, que tambem de gôsto salta,
Com risonho semblante intima, e manda,
Que não fique, na grande capoeira,
Folêgo vivo em tam festivo dia.
Não contente com isto, maior próva
De seu immenso gôzo dar pretende:
Que bizarro Concérto, de preludio
Sirva ao farto banquête, determina,
Da Musica melhor, que ha na Cidade;
E por dar máis prazer aos Convidados,
De *Cavallinhos fuscos*, depois della,
Na vaga sallâ, com soberba pompa,

O galante spectáculo prepara.
Então a convidar, saltando envia,
Do Cléro; e da Milicia cem pessoas.

Ao passo que estas cousas se fazião,
A despiedosa vélha férozmente
A barbara sentença executava,
Cem Galinhas, cem Frangãos degolando.
Entre todos havîa um vélho Gallo,
Páe da grande familia, victorioso
De cem féros rivães, e respeitavel
Pelo roxo esporão, e roxa crista:
Deste pois, nem siquér, o vulto escapa
Da grande mortandade, e com seu sangue,
De seu cruel Senhor honra o festejo.

CANTO VII.

Entre tanto, surdindo a Noite escura
Do *Bósphoro Cimmerio*, e despregando
As estêllantes azas, envolvia
Todo o nosso Hemispherio em densa tréva,
Quando na Casa do *Deão* triumphante,
Ajuntando-se vão os Convidados.

Vós, *Deosas* do *Parnasso*, vós agora
Novo fogo inspirai dentro em meu peito;
Regei-me a voz cansada, e o débil canto,
Por que nelle celebre dignamente
De tam altos varões nomes, e manhas.

O primeiro que entrou na grande salla
Foi o môço *Sequeira*, que hombreando
C'o Páe sagaz, na usura e na trapaça,
Lhe sobre-leva muito de avareza.
D'uma sebenta, desbotada fita,
A bengala da dextra traz pendente,
Com que as moscas enxóta do Castello.

Apoz este se ségue circunspecto

O *Noventa-cabellos*, conhécido,
Por fido *Achates* do pomposo *Lara*;
Homem sizudo e grave, e o máis callado
De quantos pizão d'*Elvas* a Cidade;
Excépto o triste, mìsero *Tacanho*,
Que gerou, por seu mal, o vélho *Torres*.
Muitos d'elle murmurão (Féa Inveja,
Quem de teus dentes ficará izento;
Si não te escapa a simples Innocencia
Que não falla, por que fallar não sabe!)
Outros porêm máis justos o defendem,
E ás estrellas o sóbem; pois ao menos
Si não sabe fallar, sabe callar-se;
E qual lùbrica, negra sanguisuga,
Que afferrando-se á pélle, se não sólta,
Sem de todo fartar a cruél sede,
Dos que encontra ás orêlhas não se agarra,
E sem antes gastar-lhe a paciencia,
Com questões importunas os não larga,
Como costuma o zóte do *Sardinha*.
Nas ancas deste entrou esbaforido
O *Vellozo*, Arithmético affamado,
Capaz de duvidar até de *Christo*;
E que tem, de loquaz e de harengueiro,
Quanto de taciturno tem o outro;
Elle sabe de *Acclamo* o grande Schólio,
De cábo a rabo, sem falhar-lhe um verbo,
E á força de *Páe vélho*, algum pedaço

Vérte em máu Portuguez, do *Tridentino.*
Com o que, e repetir alguns exemplos
Da longa *Jesuítica* Syntaxe,
Passa, entre os seus, por homem consommado,
Bom Juiz de Sermões, e Pregadores,
A pezar do atrevido *Cazadinho*,
Que, por ser o barbeiro do Prelado,
Arrogar este cargo a si pretende.

Pouco tempo depois, ao béque dando
Entra o vaidoso mulheril *Perinha*,
Ramo insigne dos *Gatos-Rodovalhos*,
E Chéfe dos Pelões da sua Térra.
Então de Senhorîas toda a Casa,
Qual d'um picante enxame de mosquitos,
Azoinada se viu: umas da bôcca
Em borbotões lhe sáhem, outras lhe entrão
Pelas grandes orelhas lisongeiras,
E sobindo-lhe ao cérebro, a cabêça
De illustrissimos flatos lhe enchem toda.
Não passou muito espaço, sem que á porta
Se não vissem chegar ambos os *Bichos*,
Alegria, e prazer da *Elvense* Térra;
O *Leite*, e o *Barquilhos*, tam famosos,
Aquelle, pela teima, com que intenta
Mungir d'um grande Bóde as grandes têtas;
Este, pela piedade, com que vendo
Jazer em térra morto o bravo Touro,

Que os cálções de Camurça lhe rasgára
Por que o Céo suas culpas lhe perdoe,
Perdôa em altas vozes, generoso,
O estrago do vestido, e a grave affronta.
Estes por onde passão, mil apodos,
Mil graças, e risadas, entre a bulha
Do vulgo insultador, soar se escutão:
Não de outra sórte viu Lisboa, um tempo,
Da vil plebe entre a grande borborinha,
Passear suas ruas, hombro a hombro,
O célebre *Dom Felix*, e o *Caturra*.

Mas outro entrando vem, de insignes prendas,
Que no engenho, agudeza, brio, e garbo,
Com os dous póde bem correr parelhas.
Affastai, affastai: deixai passa-lo;
Que é o grande *Salgado*, cujo nome
Por todo o *Alem-tejo*, em suas trompas,
Com sonóro louvor publíca a *Fama*.
D'elle relata pois a chocalheira,
Que inda o ról pendurado traz ao côllo
Das moças, que, em Mancêbo, namorára;
Onde, com distincção, se lem seus nomes,
Suas graças, e dótes. Pelos prados,
Que o *Hebro* cristallino córta, e regá,
Tantas, de Amor captivas não seguírão
De *Thracia* o gran-Cantor, que a chara sposa,
Na solitaria praia descansando,
Duas vezes perdida, em vão chamava;

Quantas o ról contêm, desde a máis baxa
E roliça fregôna, até á Dama
Mais nobre, máis *gagé* (14), e máis xibante.
Hôje porêm, que em máis serios estudos,
Os dias gasta, desfrutando a honra
D'a rûstica curar gente da várgem,
Inda este phrenesî curar não pode;
Nem da Empyrica sciencia o gran-segredo,
As hervas, Cataplasmas tem bastado,
Para os males curar-lhe da cabêça.

Eis outro chega, de não menos fama,
Cavalheiro do porte dos *Venégas*,
Que muitos Infanções por Avós conta.
Este só comerá d'uma assentada,
Sem que papo lhe faça, um Boi inteiro;
E como quem um cópo bébe de agua,
De Caffé, Chocolate, Chá, Sorvêtte,
D'um trago, beberá toda uma pipa.
Elle Céa não ha, não ha Merenda,
A que prompto não vôe, não assista.
Tam rápida, calar das altas nuvens
Não vê o Passageiro, em largo Campo,
A grasnadora grálha, o nêgro Côrvo,
Sobre o triste animal, que de cansado
Em comprido caminho, deu a ossada;
Como correr se vê o bom Fidalgo
A' voz, e cheiro do máis vil banquête.

D'ésta Canina fóme, que o devóra,
De *alarve* lhe ficou o gentil nome,
Com que em toda a Cidade é conhecido.

Nem tu has-de deixar de ser lembrado
Em meus versos, Prior da Sancta Igreja
Que *Alcáçova* ennobrece; tu, que sendo,
Um tempo, branco e louro, te tornaste
Por artes encantadas, negro e pardo.
Este na Salla entrou de lôba e cáppa,
Mas debaixo do braço, co' a Catána,
Com que em noites de escuro tem brigado
(Se de seu gran-valor não mente a *fama*)
Muitas vezes, com todos os Dîabos.

Então, tremendo chega a passos lentos,
O longévo potrôso do *Saldanha*,
Que em régras económicas bem pode
Dar sóta e áz ao Grêgo *Xenophonte* (15).
Para próva do seu contentamento,
Se adórna do vestido Domingueiro;
Sobre uma véstia branca, airoso traja
Cazaca que foi nêgra ha quinze lustros;
Os Calções érão pardos, e os sapatos,
As meyas, e espadim, e os outros cabos
Em nada do vestido desdizião.

A seu lado marchava o vélho *Prêto*,
Com a suja panélla, em que costuma

Ajuntar as reliquias dos banquetes,
A que assiste faminto, e com que passa
O résto da semana co' a familia.

Tu tambem, grosso *Sylva*, lustre e gloria
Da tua Pátria, antiga *Torres-védras*,
Doutor em *Anno-histórico*, não foste
Dos ultimos, que a ricca salla entrárão.

Estes, e outros varões de igual calibre,
Dignos todos de fama e maravilha,
Honrárão nesta noite a grande fésta:
Mas da Justiça o amor me não consente
Que eu deixe vóssos nomes envolvidos
Entre a tréva, que espalha somnolenta
A agua estôffa do sombrío *Lethes*:
Bolorento *Pão ralo*, e tu, que fallas
A lingua da *Mourama*, oh bom *Gonçalo*,
E que os Melões, e Peras almotaças,
Com tanta rectidão ao Pôvo d'*Elvas*,
Quando empunhas severo a rubra vara (16).

Junta em fim a selecta Companîa,
O vistoso Sallão em torno c'roão.
Emtão ao Chôro, que esperando estava,
Deu sinal o *Deão*, e uma Sonnata
De Cravo, de Machétte, e Castanholas,
Da Orchestra strepitosa foi preludio,

A que um Duo se ségue, cousa rára!
E que ignal nunca viu em seus theátros
Milão, *Veneza*, *Nápoles*, *Florença*.
O grande *Eugenio*, e o famoso *Felix*
Forão os dous *Virtuosos*, que o cantárão.
Si tu, oh estremada *Zamperini* (17),
Que em Lisboa os Casquilhos embaraças,
Seus suaves accentos escutáras,
Passages, e volatas; bem que as *Graças*
Lisonjeiras te cérquem, e derramem
Em teu peito e garganta, mil encantos,
Com que as tres filhas d'*Achelóo* vences;
Quantos nóvos encantos apprendêras!
Depois o *Vidigal* ligeiro toma
Uma Bandurra, que na Orchestra estava,
Por mão de insigne Mestre trabalhada:
Nella se vião, sobre a branca fáia,
De marfim embutidas e páu sancto,
As folìas do filho de *Semèle*,
Quando, do Ganges triumphando, á Grécia,
Entre lédos tripudios, se tornava.
Estava o gôrdo Deos allì sentado
N'um grande Carro, que virentes parras,
Contra os rayos do Sól todo toldavão;
Uma bojuda pipa, que esparzia
Um largo jórro de liquor vermêlho,
De thrôno lhe servia; e o Môço imbérbo
C'o verde thyrso, c'uma maô picava

Os dous accesos mosqueados Tigres,
E c-o a outra chegava á secca bôcca,
De saboroso sumo um chéo vaso.
Apoz elle se via debuxado
O bebado *Sileno*, sobre um russo
E cansado jumento; de verde héra
C'roada a fronte tinha o *Semi-capro*;
E com tal arte figurado estava,
Que a cada passo do animal imbelle,
Aos ólhos dos que o vem, se representa,
Que, balançando, o semi-deos cahîa,
C'os fumos, que a cabêça lhe toldavão.
De foliões *Silenos* uma trôpa,
Quasi para o suster, o rodeava,
E sobre ella lançava o bom *Sileno*,
Todo risonho, os mal-abertos ólhos.
Precedião o Carro, desgrenhadas
Mil *Bacchantes*, e *Satyros* lascivos,
Dando nos ares descompostos saltos.
Uns toccavão bozínas retorcidas,
Outros rijos adufes, e pandeiros.

O *Vidigal*, pegando no instrumento,
Se encommendou ao Deos, a quem amava,
E dando á escaravelha largo espaço,
Até de todo temperar as cordas,
Soltou a bruta vóz, com que costuma
Levantar os *Mementos*, nos enterros.

Com tam grande attenção não pendem promptos,
Do novo Batalhão da *Elvense* Térra,
Os marciáes soldados, na parada,
Da voz agallegada do *Malifa*;
Quando o manejo, á falta d'homens, rége;
Como a festiva Companhîa pende
Dos duros bérros do Cantor famoso,
Que da Pátria em louvor, assim dizia:
« Oh grande *Elvas*, Cidade em todo o tempo
» Por teus famosos filhos memoranda!
» Hóje até ás estrellas meus accentos
» Teu nome levarão, e tua fama;
» Mas d'onde a minha vóz a teus louvores
» Dará principio? Tu, oh brincão *Baccho*,
» Como tens por costume, tu me inspira!
» Mil, em silencio deixarei, successos,
» Em mais remótos tempos célebrados,
» Que tua gloria illustrão; pois não póde
» Um engenho mórtal todas as cousas;
» E a louvar passarei do teu Senado
» A rara, e nunca-vista Economia,
» Com que no vélho, já-rachado sino,
» Por se acharem as rendas do Concelhio,
» Em luminarias, lutos, e propínas,
» Todas (em seu proveito) consumidas,
» Quatro gatos (18) mandou lançar de ferro »
Com tal arte ferîa o Cantor déstro
Do pequeno instrumento as tézas córdas,

Accompanhando o som, com que cantava
Este estupendo gracioso cazo,
Que, ao batter das pancadas, parecîa
Que se ouvião no sino as marteladas.
« Que direi, (proseguiu) da subtileza,
» Com que gravar mandaste sobre a porta
» Que tem de *Esquina* o nome, em nêgra pédra,
» Por que ninguem a lê-la se atrevesse,
» A famosa inscripção, em negras lettras?
» Mais intrincado, máis escuro enigma,
» Que o que nas portas da famosa *Thébas*,
» Por destino fatal, aos peregrinos
» Feroz propunha a monstruosa *Sphinge*. »
Aquî, para tomar maior alento,
Um pouco se callou; e em alvo pondo,
Como quem pensa em cousas máis profundas,
Os turvos ólhos, préga um grande escarro,
Com que assustou os Circunstantes todos;
E de nôvo coméça: « Oh! si eu lograsse
» A grande dita de nascer em *Roma*,
» E allî, na tenra idade, me tivéssem,
» Qual mîsero e novél frangão, castrado;
» Que então só, dignamente, em fino tiple,
» Qual *Achilles* nas Operas d'*Italia*,
» De teu grave Senado cantaría
» A acção maior, que vírão as Idades!
» Tu, oh Pôvo miûdo, e Pôvo grôsso,
» Que dos Touros ao barbaro combate,

» Presidido dos sérios Magistrados,
» Lá na Praça assistias galhofeiro,
» Tu testemunha foste? e no futuro
» Testemunha serás, que eu não matizo
» Com falsas cores o notavel feito:
» Fallo da profusão, com que lançárão,
» (Ao primeiro rumor, e ainda incérto,
» Com que a Fama espalhava vagamente
» A noticia dos Régios Desposorios
» Da Princesa Real, Real Infante)
» Depois de terem feito bem o papo,
» As reliquias da pródiga Merenda,
» Sobre as cabêças da apinhada gente.
» Então (cousa pasmosa!) os óvos Mólles,
» Arroz doce, Cidrão, e Leite crêspo
» Que o Pôvo, ás rebatinhas, apanhava,
» De toda a parte a flux chover se vião;
» Cobríndo n'um instante toda a Praça.
» Qual nas tardes de Mayo, (quando Jóve,
» Com a rubida mão dardeja irado,
» Por entre as negras condensadas nuvens,
» Com medônho fragor, torcidos raios)
» Cahe a grossa saráiva, enchendo os Campos;
» Taes, de manjar branco as tostadas péllas.»
Aquì chegava, quando os Convidados,
A quem de tantos doces a lembrança
Tinha feito crescer agua na bôcca,
Da demóra da Céa impacientes,

E da fóme voraz estimulados,
Em tropel se levantão, e lançando
Pela térra Cadeiras e Instrumentos,
Corrérão para a meza, onde scintilla
Nos dourados cristáes, nos finos pratos
A radiante luz de cem *bugias*. (19)
O primeiro que occupa a Cabeceira
É o tôlo *Aguilar*; sem comprimento
Entra lógo a cevar a fera gula;
Exemplo, que os máis séguem vorazmente.
Brilha nos cópos o rosado sumo,
Que destérra a cruél melancholia
De meza festival, — reina a Saude! (20)
Mas de todos tu foste, gran-*Gonsalves*,
Quem as primicias cólhe; todos brindão
A teu grande valor, á tua astucia;
Em quanto tu, no cóllo recostado
Da prezada Consorte, entre os seus mimos,
Do *Bispo*, e do *Deão* te estavas rindo.
A Alegria reinava em toda a meza;
Mil chistes, mil apódos, mil pilhérias
Giravão sem cessar; sua Excellencia
De todos éra o alvo; todos nelle
Malhavão satisfeitos e contentes;
Posto que éra malhar em ferro frio.
Uns, a brilhante escôlha lhe louvavão
Dos Synodáes Theólogos, — do *Arronches*,
Eximio Prégador, (que leu inteiro

O Livro dos *Conceitos predicaveis*,
O *Zodiaco sob'rano*, e outros muitos,
Que na Schola *Capucha* estão em preço);
— Do Guardião dos *Capuchos*, — do *Roquétte*,
Thomista petulante e confiado.
Outros, a pre-potencia celebravão,
Com que, *de motu proprio*, um pobre leigo
Despejar, promptamente, fez das Cazas,
Para nellas viver o seu barbeiro.
Éste, a grande philaucia encarecia
Com que a *Portuense* mitra na cabêça,
E seu bágo reger já se suppunha,
Officios repartindo e Dignidades.
Aquelle, murmurava da arrogancia,
Com que Ministro eleito á grande *Roma*
A julgar-se chegou; e rodeado
De Pages petulantes, e Lacaios,
D'o *Tibre* assoberbar as verdes margens,
Em malhados frizões, imaginava.
E todos, sem respeito, blasphemavão
Da fatal ignorancia, ou liberdade,
Com que, a pezar dos Canones sagrados,
Beneficios-Curados entregava
De avaros Regulares entre as garras.
Nem tu, gentil Roupão de fresca Xita,
(Com que, á grande janélla, empanturrado,
Da inutil ociosa Bibliotheca,
Nas noites de Verão, a calma passa)

A's suas tezouradas escapaste.

Entre tantos motejos, só, callado,
Chupando os dêdos e roendo os ossos,
Comîa, e máis comîa o *Dom Alarve*;
E algum caso fatal, de quando em quando,
Todo chéo de espanto, recontava
Do *Anno histórico*, o grosso e tôrto *Sylva*.

Quando, subitamente (caso horrendo!
Que as carnes faz tremer, ao repeti-lo!)
O vélho *Gallo*, que n'um prato estava,
Entre frangãos e pombos, lardeado,
Em pé se levantou, e as nûas azas
Tres vezes sacudindo, estas palavras,
Em vóz articulou triste, mas clara:
— « Em vão, cruél *Deão*, em vão celébras
» Com nósso sangue o próspero successo,
» Que a futura victoria te promette;
» Que por fim cederás a teu contrario. »

Disse: e cahindo sobre o grande prato,
Sem mexer-se, ficou. Neste momento
Um gelado suor dos Circunstantes
Banha as pállidas faces; os cabellos
Nas frontes se lhe errição; largo espaço
Immóveis ficão, sem dizer palavra.
Mas o perdido spirito cobrando,
Se levantão tremendo, e pela terra

A recheada meza baqueárão :
Trez vezes se benzérão co' a mão toda ;
Trez vezes, mas em vão, esconjurárão
O fatal *Gallo* que jazìa môrto,
E, mil, a infausta Céa dando ao Démo,
Se forão, sacudindo os calcanhares.

CANTO VIII.

Na superior instancia introduzida
A grande *Appellação*, ardìa a guerra.
Dous Rábulas famosos trabalhavão
Em offuscar das Partes o direito.
Quantos rançosos livros, que jazião
Sepultados em pó, meio-comídos
Da cruél e vóraz, maligna traça,
Tornárão outravez a vêr o dia!
A *Excellencia*, a *Discórdia*, a *Senhoría*,
Cada uma de per si, os excitava;
E sobre tudo, a fóme devorante
Do luzente metal, que o Mundo encanta.
De papel muita rêsma, em lettra griffa,
Onde, a montões, os Textos, os Doutores,
Sem ordem, e sem tempo se allegavão,
Cada qual, de si pago, tinha escripto.

Quando o *Génio* feróz das *Bagatéllas*
Uma fiél balança nas mãos tóma,
E n'um dos aureos discos, poem attento
As razões do *Deão*, n'outro as do *Bispo*;
E vendo, que éstas tinhão maior pezo,
Tal vez por terem máis papel e tinta,

Por um geral Edicto á Côrte chama
Os vaidosos Magnatas, e em senzala,
Com fera continencia, assim lhes disse:
« Nunca a pensar cheguei, que em meus vassallos,
» Que do Orbe a estimação, e o ser me dévem,
» Tão louco algum houvésse, e tão ingrato,
» Que combatter ousasse meus projectos!
» Mas o Tempo, que a todos desengana,
» Me mostrou quanto errava, e quão perdidos
» São, com ingratos, grandes beneficios!
» Este enôrme attentado merecia
» Um castigo exemplar; mas a *Clemencia*,
» Companheira fiél do meu Imperio,
» A espada me suspende, na esperança
» Da prompta emenda. » Aquî fitando os ólhos
Na pallida, e confusa *Senhoría*,
Desta sórte prosegue em seu discurso:
« É pois minha vontade, ordeno, e mando,
» Sob pena de incorrer no desagrado
» Do meu Real Favor, de abrir os ólhos
» Do mundo fascinado, e de mostrar-lhe
» Que nada tem de real vossas Pessoas,
» Que todos são phantásticas Chiméras:
» Que nenhum de vos-outros se intro-metta
» No famoso litigio, que hôje córre
» Entre o *Bispo*, e *Deão* da Igreja d'*Elvas*. »
Sevéro, isto dizendo, se retira,
Deixando a todos tristes e confusos.

Mas a vãa *Senhoría*, que conhece
A quem as ameaças se encaminhão,
Vendo, por este módo, as mãos atadas,
Para seguir o empenho começado;
A carpir, se retira n'um deserto,
Sua grande disgraça, envergonhada.

Entre tanto o *Deão* confuso, afflicto
Passava as horas, na memoria tendo
Do lardeado *Gallo* o infausto annuncio.
Pouco e pouco, a cruél *Melancholía*
O devóra, e consóme; não graceja,
Como d'antes usava, co' a familia:
Mas, em seus pensamentos abysmado,
Comìa pouco, pouco repousava,
Não joga, nem Caffé, nem Chá bebìa.
No pico d'um rochêdo solitario,
Entre as trévas da noite carregada,
Tão lùgubre gémer, de quando em quando,
O fêo e rouco Môcho não se escuta,
Como o pobre gemìa, retirado
No escuro canto d'uma nûa salla.

Então a zelosa Ama, a quem penetra
Do afflicto Patrão a grave pena,
Um dia lhe fallou, por esta forma:
— « Que tem, Senhor *Deão*? que magoa é éssa,
» Que tão mudado o traz do que antes éra?
» Mal haja quem lhe dá tanto cuidado!

» Essa cara, Senhor, que n'outro tempo,
» Éra cara de *Páschoas*, tão alégre,
» Tão gôrda, e reverenda, tão affavel,
» (Até para os seus Sérvos) tão mudada
» Está do que já foi, que hôje parece
» Uma cara de angustias ! Não socéga ;
» Mas em triste silencio sepultado,
» Nem tóma o seu Caffé, nem joga o *Wist !*
» Supponho que lhe dérão mal de olhado !
» Ah ! si esse for seu mal, prompto remedio
» Em mim encontrará ; pois do quebranto
» Sei benzer, e curar por mil maneiras :
» Porêm, si a causa é outra, não m'a occulte ;
» Que talvez lh'eu descubra algum alivio :
» Pois, mil vezes, na planta despresada,
» Está de grave infirmidade a cura. »

— « Ama (diz o *Deão*) para que é tonta ?
» Por ventura não sabe o gran litigio,
» Que trago com o *Bispo* ; em que meu brio,
» O meu ser, minha gloria se interessão ?
» Não se lembra tambem do infausto agouro
» Do lardeado *Gallo* ? Que mais cauza,
» Em mim pretende pois, de viver triste ?
» Oh ! si os Astros crueîs tem ordenado
» Que eu a demanda pérca, de repente
» Me verá estalar sem frio, ou febre,
» Entre as bárbaras mãos deste disgosto. »

—« Senhor *Deão* (replica então a Ama)
» Si da sua tristeza é essa a causa,
» Tem por certo razão para affligir-se;
» Supposto, que não é o mal tão grande,
» Que não possa remedio ter ainda.

» Eu, sendo môça, instituida
» Fui nas artes da Madre *Celestina*,
» Pela vélha *Canidia*; muito trato
» Tive então com o sabio *Abracadabro*, (21)
» Famoso Encantador, que ainda vive,
» Não longe deste sitio, n'uma gruta.
» Este estupendo Mágico conhece
» Das pédras, e das plantas as máis raras,
» As occultas virtudes; sabe a lingua
» Das Aves, e Animáes; com seus conjuros
» Muda as louras ceáras; sobre a terra,
» Mil vezes, faz descer trovões e raios;
» Arranca do alto Céo a branca Lua;
» Em nêgro Urso, mil vezes, se convérte,
» Mil em Lôbo Cerval, e mil em Touro:
» Este pois mudar póde do Destino
» As Leis, e a Natureza; e mentiroso
» Tornar (si lhe parece) o triste agouro
» Do diabólico *Gallo*. A consulta-lo,
» Si fôr do seu agrado, iremos ambos. »
Disse: e o *Deão* suspenso largo espaço,
Sem saber resolver-se, mudo fica.

Uma vezes se anima, outras recéa
Do Mágico feroz o horrendo aspecto.
Não de outra sorte está Carvalho annoso,
Que em torno, pelo pé, sendo cortado,
Pendente d'um só fio, com a quéda
Cem partes ameaça, e a verde cópa
A nenhuma, por longo tempo, inclina.
Finalmente, o dezejo da victoria
Vence o frio temor. Tanto em seu peito
Póde a *Raiva*, póde a cruél *Vingança*!
Dando um grande gemido, estas palavras
Do máis intimo d'alma afflicto arranca:
— « Vamos, Ama, buscar o grande Sabio;
» E verêmos si tem meu mal remedio. »

Era alta noite, e a térra esclarecia,
Com duvidosa luz, a branca Lua;
Quando o *Deão*, pela Ama conduzido,
A um monturo se foi, onde ambos juntos
Se déspem promptamente, e untando o corpo,
Com sangue de Morcêgo e de Toupeira,
Sobre sordidas pennas se espojárão.
Então o corpo todo agita, e môve
Com medônhos esgares, e rosnando
Em baxo som, por entre os pôdres dentes,
Cértas palavras a espantosa Vélha,
Ao farfante *Deão* diz açodada:
— « Voêmos. » — E n'um ponto (cousa rara!

E que igual nunca fez *Juan de las vinhas*)
Pelos ares voárão livremente,
Procurando do Archîmago a morada.
De *Alcaçova* o Prior, homem vexado
De nocturnas visões, que então á Casa,
Do *Nunes* Bacchanal em companhîa,
C'um puxativo escalda (22), se tornava,
Vendo alçar-se da terra os nêgros vultos,
Arranca da brilhante *Durindana*,
E o capóte traçando, velozmente,
Poem-se no récto, parte, atira um furo,
Faz pé atraz; mas tropeçando, acaso
N'um podengo que, á fôrça de pedradas,
Os travessos rapazes tinhão morto,
De cóstas se estendeu na dura térra,
Coberto de vergonha, stêrco, e lama.
Então máis furioso se levanta,
E c'um gólpe mortal a partir tórna.
O Pejo, e o Furor lhe dóbra as fôrças,
Bérra, salta, esconjura, poem preceitos,
Sem descansar, talhando os subtîs ventos;
Mas tudo em vão; que léves e seguros,
Nadando pelos ares, se sumírão
Os novos *Anthropógriphos* nas nuvens.
Tu só, nesta aventura, infeliz *Nunes*
Provaste a furia do pezado braço;
Pois, ao vibrar um talho o *Dom Quixote*,
C'o rabo te chegou da rija espada,

Pregando-te um gilvaz pelos focinhos,
Com que em duas te fez a aguda barba.

Nas entrahas d'um monte solitario,
Que entre as nuvens esconde a calva fronte,
Assiste *Abracadabro*, a quem patentes
Os profundos mysterios da Cabála,
E todas as leis são da *Onomanía*.
Mil Globos, mil Compassos, mil Quadrantes
Confusos jazem no sombrio alvergue:
Allî *Betyles* ha, ha *Chelonites*,
Corações de Toupeiras, ha entranhas
De vãos Camelões, ha pedras *d'Ara*,
E mágicos espelhos; ha cabêças
De mórtos animaes, *Lameiras* Virgens,
Hypomanes, *Mandragoras*, e outras hérvas,
A' luz colhidas da nascente Lua,
Nas campinas do *Ponto*, e da *Thessalia*.
Aquî *Ama*, *Deão* déscem, a tempo
Que, á mal-accesa luz d'uma lantérna,
Um *Talisman* o Mágico compunha.
Ao fêo aspecto do fatal hospicio,
As carnes ao *Deão* se arripiárão.
Coméça a vacillar; mas a malvada,
Vélha Bruxa o segura, alenta, anima.
Entrão pois onde o Sabio trabalhava,
E, prostrada por térra, a vil Carcassa,
Desta fórma, o silencio interrompia.

« Famoso *Abracadabro*, a cuja illustre,
» Alta sciencia os *Fados* concedérão
» Dominar Elementos, e Planetas,
» Este, que vês (eu creio, o não ignoras)
» É o nóbre *Deão* da Igreja d'*Elvas*:
» Pelo arrogante *Bispo* perseguido,
» Do teu grande podêr se chéga ás abas:
» Com o gôrdo Prelado, e seu Cabido
» Uma demanda traz; para vence-la
» Tuas artes procura. Ah! si algum dia,
» Com teu alto favor, benigno honraste
» Esta Sérva fiél; por elle mesmo,
» A teus pés humilhada, hôje te peço,
» Que o queiras amparar; Elle o merece
» Por triste e desvalido; e pelo grande
» E profundo respeito, que tributa
» A teu alto Saber, ás tuas barbas. »

Aquí o Vélho Magico lhe tórna:
— « Nada do que tu dizes me é occulto;
» E por elle, e por ti provar intento
» Quanto minha arte póde. » Isto dizendo,
Todos tres se sahírão da cavérna,
E á mal-distincta luz da frouxa Lua,
Sobre a raza campína, *Abracadabro*,
Com uma curta vara, quatro linhas
De circulos pequenos lógo traça:
A estas linhas junta tres fileiras

» Pedras de tóque são, onde os quilates
» Das grandes almas sempre resplandecem;
» De máis, que os duros *Fados* tão injustos
» Não são para comtigo, que vingança
» A teus grandes aggravos não permittam :— »

Ao écho da vingança, ó antigo esforço
Cóbra o pallido *Lara*; e alvoroçádo
Esta pergunta faz ao vélho bruxo :
— « E que vingança é éssa, *Abracadabro*,
» Que o *Fado* me prométte? »—Então o sabio,
Com sevéro semblante, lhe responde:

« Virá a succeder-te no *Deado*
» Um novo Heróe da tua mesma raça.
» Este, sendo tambem indignamente
» Pelo orgulhoso *Bispo* injuriado,
» Por que á porta recusa do Cabido
» Ir, como tu, a off'recer o *Hyssope*;
» Para em salvo se pôr de seus insultos,
» Deixando, sabiamente aconselhado,
» De venáes Magistrados o recurso,
» Refugio buscará nas sanctas Aras
» Onde Thémis preside, e firme asylo
» Achão contra a violencia os Opprimidos.
» Os Ministros da Deosa, que zelosos
» De seu altar e culto, attentos séguem
» As pizadas do Principe famoso,
» Que dando ao Sacerdocio, ao Scéptro dando,

» O que é do Sacerdocio, o que do Sceptro,
» Tem de ambos os podêres felizmente
» Ás sagradas balizas assignado,
» E defendem com prompta vigilancia
» Da Real Jurisdição os justos termos;
» Ao *Bispo* mandarão, por seu Decreto,
» Que a razão deste excesso logo assine.
» A' fatal vista do imprevisto gólpe,
» Ficando consternado o bom Prelado,
» Com fraqueza a mais vil, dolosamente
» (Acção bem digna só d'um home' indigno!)
» Do Livro mandará riscar as mulctas;
» Negará tê-las feito, e negaria,
» Si necessario fosse, o mesmo *Christo.*
» Então desistirá, chéo de mêdo,
» Da pertendida pósse, e seus direitos:
» E a pélle convertendo, na apparencia,
» De féro Lobo, se fará Cordeiro. — »
Disse: e o *Deão*, de ouvi-lo satisfeito,
Mil graças dava aos *Fados*, dava ao Sabio,
Mil á Vélha, que a vê-lo o conduzíra.
Já a Aurora, deixando enfastiada
Do potroso Titão o frio leito,
Sobre o Carro, de aljofres guarnecido,
Com um mólho de rozas excitava
Ao veloz curso as remendadas Pias, (23)
Que os frêos mastigando de diamente,
Por ólhos, e por ventas scintillavão

Trémulos raios, que de luz cobrião
Os longo-apavonados horizontes:
Quando a *Vélha*, o *Deão*, ambos deixando
O grande *Abracadabro*, e sua gruta,
A descancar da longa ameijoada,
Para Casa velozes se partírão.

Era já alto dia, e retumbava,
Em alegres repiques, *Elvas* toda;
Quando o *Deão* acórda ao grande ruido,
E chamando os Criados lhes pergunta,
Qual do grande *Zão-Zão* era o motivo.
Então o Cuzinheiro, debulhado
Em lágrimas, lhe conta que a noticia
De ter vencido o *Bispo* o grande pleito,
Que trazia com sua *Senhoría*,
Tinha, há pouco, chegado por um Proprio:
Que em todas as Igrejas não havía
Sino grande, Matráca, ou Campaînha
Que, em sinal de prazer, se não toccasse,

Acabou o bom servo a triste harenga,
De seu peito exhalando um gran-sóluço;
Mas sua Senhorîa consolado
Da futura vingança com a imagem,
Sem alterar-se, ouviu a infeliz nóva.

FIM.

NOTAS.

Nota 1. pag. 2. Versos 11 e 12.

; e que abraçárão,
Até a morte, os perfidos *Solipsos*.

Solipso, palavra composta das duas latinas *Solus* e *ipse*, que corresponde ao sentido que damos hoje ao nome de *egoísta*. *Melchior Inchofer*, *Jesuita* allemão, é o inventor d'essa expressão que produziu, para designar por ella os Padres, Geral, Chefes, e Regentes da Companhia de Jesú. Havendo tomado a roupeta déssa Sociedade na edade de 23 annos, conheceu, pouco tempo depois, o espirito de ambição, e de prepotencia anticristãas, com que, por intrigas internas e externas, se regía, de longe e ao perto, a sua extensa e numerosa corporação. Compoz em latim, e publicou em 1648, com o titulo de — *Monarchia Solipsorum*, um livro em que descobre e desenvolve todo o systema de Governo dos *Jesuitas*. Escusado é dizer se que este livro não se acha facilmente, e que a primeira edição é rarissima; pois os *Jesuitas* que á sua disposição tinham tantas, e tam *Grandes* consciencias, empregárão todo o seu poder e influencia, para conseguir, si não a total extincção delle, ao menos a sua raridade. A pezar das suas multiplicadas e constantes diligencias alguns exemplares desta primeira edição se achão em

varias Bibliothecas; e 12 annos depois d'ella, em Veneza se publicou uma segunda edição do mesmo livro.

Deixo a todo o *Religioso* de boa fée a obrgição de inquirir e publicar quaes fórão as perseguições, e os trabalhos qne *Melchior Inchofer* teve de soffrer dos seus irmãos; de nos instruir á cerca dos gráus em que os *frades* repartem a extensão do que chamão *corréção fraterna*; e de nos declarar si, quando offendidos, elles costumão pôr em rigorosa praxe os preceitos de charidade, prescriptos por N. S. J. C. no Evangelho.

Voltando a este livro de *Melchior Inchofer*, devo apontar o Doutor *Arnauld*, que em dous lugares da sua Obra intitulada — *Moral pratica des Jesuitas* — faz menção délle. Em o 3ro. tomo, a pag. 86, diz: « sabe se que o vosso caracter vos conduz a » fazer o bem com ardor, com tanto que sejáes » os unicos em obra-lo, e que ninguem participe » com vosco á gloria de uma boa acção. Si quereis » ser sinceros, convireis que um dos vossos Pa» dres, autor do livro — *Monarchia Solipsorum* — » mui bem vos conhecia. » — E no mesmo tomo a pag. 686. accrescenta o Doutor *Arnauld*: » — É certo » que esta *Monarchia Solipsorum* é de um *Jesuita* » allemão, chamado *Melchior Inchofer*; pois sabe » se onde existe a carta original de outro *Jesuita* » espanhol que assim o confessa, e que muito se » lastima d'isso. » —

He curiosa tambem a observação do *Jesuita Papebroch*; (*Elucid. histor. actor. in Controversia Carmelitica, Cap. X.*) pois nos dá uma boa definição da palavra *Solipsus*, e da expressão grega *Monopantos*, de que se servia o Papa *Innocencio* XII, para designar um *Jesuita*.

Penso haver justificado o nosso Poeta á cerca do epitheto — *perfidos* — que elle uniu ao nome de *Solipsos ;* e em abono d'essa qualificação, podéra eu aqui accumular infinitos documentos, não lembrados na *Deducção Chronologica*, si a Charidade christãa me não embargasse a vontade. Desculpado a Poeta, passo a pedir venia do delicto que se me podéra imputar por estas lembranças.

Estranhará, sem duvida, o benigno Leitor o comprimento désta nota, e a sua impropriedade em um poema Heroi-comico : accusar-me ha, pode ser, de adverso aos *Jesuitas* ; — dou-me já por culpado ; e si é crime, tenho a honra de ter por complices S. M. Fidelissima, O Senhor D. João VI. Rei dos Reinos unidos de Portugal, Brazil, Algarves etc. SS. MM. o Imperador de todas as Russias, o Imperador d'Austria, e mais alguns Monarchas que não querem *Jesuitas* em seus Estados ; pois estou persuadido que tem muita razão.

Más aos Sñr^es Jesuitas, e aos seus apaixonados pouco deve importar a aversão de todos estes Soberanos, e ainda menos a minha : quando tem por apologista um Inglez, qual o Senhor R. C. *Dallas*, que tambem fez já a apologia dos Cães adestrados, pelos seus compatriotas da *Jamaica*, em o exercicio, muito humano e christão, de devorar os negros fugitivos.

Estas duas producções de um Inglez, o Senhor R. C. Dallas, merecem ser conhecidas ; aquí vão os seus titulos :

The History of the *Marroons*, from their origin, to the establishment of their Chief Tribe at *Sierra Leona*. 2 vol. in 8°. London 1803.

The new Conspiracy against the *Jesuits*, detected and exposed by R. C. *Dallas* Esq. 1. vol. in 8º London 1815,—*e dedicado* — to the Right Honourable *George Canning*. M. P. His Majesty'a Ambassador Extraordinary to the Court of Portugal, etc

Observe-se 1º. a data deste Livro: 2º. a que pessoa é dedicado: 3º. a qualidade d'esta pessoa; 4º. o emprego que ella occupava então em Portugal: 5º. que néste mesmo tempo S. M. Fidelissima ordenava aos seus Ministros, residentes em as Cortes Estrangeiras, de não admittir proposta alguma, nem mesmo dar ouvidos a qualquer communicação que, a favor dos Jesuitas, lhes podesse ser feita, por parte dos Soberanos a que elles são enviados. Observe-se finalmente que o Senhor *Dallas*, logo na primeira pagina da sua Introducção, declara ser Realista *Inglez* e *protestante*; pois ahi professa o seu *attachment to the Monarchy*, *and to the Church of England*: donde se segue que tambem ha *Jesuitas protestantes*, ou *Protestantes Jesuitas*, bem como ja houve na China *Jesuitas Mandarins*, que soubérão combinar o *Padre Nosso* e o *Credo* com a crença dos *Chins*. —

No prefacio, na dedicatoria, e em varias partes d'esta obra do Senhor *Dallas*, mormente no Cap. IV. pag. 229 a 236, vêm indecorosas calumnias contra El Rei D José, e injuriosas fabulas contra o seu Ministro, o Marquez de Pombal.

Annunciou-se, ha pouco, uma traducção franceza d'esta Obra, que sem duvida será seguída de outras em Italiano, e nas mais linguas da Europa. Existindo já, como me assevérão, uma versão d'ella em Castilhano, provavel é que não tardará a apparecer outra em Portuguez.

Ah! si houvesse liberdade de imprensa em Portugal, de certo lá surgiria algum *Pascal*, para comprimentar o Senhor *Dallas*, em novas *cartas Provinciaes*.

(2) a paginas 3. Verso 16º.

Não bastão a curar tres *Anticyras*.

Anticyra, ou Ilha *d'Eubêa*, hoje chamada *Negroponto*, éra celebre entre os Antigos, em razão do *Helléboro* que produzia, e a que elles attribuíão a grande virtude de desterrar a melancholía, e de restituir a seu siso os que erão affectos de loucura, fosse qual fosse o genero, ou o gráu d'ella. Horacio na Satyra 3ra. do 2º Livro, falando de avarentos diz:

Danda est Hellebori multò pars maxima Avaris:
Nescio an Anticyram ratio illis destinet omnem.

E, na sua Arte Poética, prasmando o desalinho, e a falta de limpeza com que alguns poetas aspiravão áos creditos de estudiosos, e ao nome de sabios, appellída todo o que é iscado de tam nojenta loucúra. —

Tribus Anticyris caput insanabile.

Cujo sentido é fielmente vertido em o Verso que aqui fica commentado.

(3) a paginas 4. Verso ultimo.

E os outros genios da subtil cabála.

A Cabála é uma d'aquellas Loucuras que, com o nome de sciencia, tem accomettido, em diversas épo-

(7) pag. 29, Verso 12.

A Roda da fortuna e cristaes d'alma.

Este Verso allude a dous dos muitos Livros mystico-moraes, de que a nossa literatura nacional é tam sobejamente abundante, em desdouro da boa razão, da Religião christãa, e da boa Moral. Somos devedores d'essa praga, em maior parte, aos *Jesuitas*, e á sua Eschola.

(8) Pag. 30, Verso 23.

Que a móda já ridiculos tornára.

Em os primeiros manuscriptos que apparecérão, este Verso não vinha; o seu lugar éra occupado pelos tres seguintes:

Que de balde proscriptos, por malvados
Imposta, a vil e escandalosa alcunha
De-*mulas com gualdrapas*-nos deixárão.

O Autor quando revía, e emendava de sua mão algumas copias que se lhe apresentavão, encontrando estes versos, costumava supri-los pelo que vai impresso n'esta edição. Gracejando dizia, que as cappas ficando aos Conegos, ficárão lhes as gualdrapas; que a reforma do Bispo abrangéra somente os atafáes, bem significados pelos *franjados alamares*; e que riscava estes tres versos, como faltos de exacção historica e descriptiva. Accrescentava depois, com mais sizudas razões, que os lembrados versos não só continhão um sentido contradictorio, mas que até érão de stylo summamente improprio e sobejamente baxo, na lisongeira narração

que das grandezas do seu Bispo fazia um Conego agradecido.

Com a mesma razão de impropriedade, apagava tambem o Autor outro verso, que a principio interposéra entre o decimo sexto e o decimo septimo que nesta edição se leem a pag. 8. Falando o *Genio tutelar das Bagatellas* assim dizia:

Eu a escrevi, eu mesmo, em meu canhenho,
Nem menos que Pilátos eu me julgo,
E o que escrevo uma vez, nunca mais borro.

O motivo, que dava o Autor para riscar o segundo d'estes tres versos, é que vinha aqui *Pilátos* mettido, não como no *Credo*, antes sim muito mal accomodado. Acertava sem duvida o Poeta em excluir do seu poema este verso com tal nome, que lembra um facto, muito serio e digno de nosso respeito, para ser referido, em obra jocoseria, pelo *Genio das Bagatellas*.

Faço esta nota para precaver o Leitor contra estes e outros versos que poderá encontrar, em alguns manuscriptos, e que, depois de emendados pelo Autor, devem ser tidos por incorrectos e nullos; assim como por espurios, alguns outros que curiosos lhe tem addido.

(9) Pag. 32., Verso 15.

Que de Sancto *Thomas* tem lido a summa.

Alguns Francezes que tem estado em Portugal, e que de lingua, litteratura e costumes desse paiz tanto sabem, quanto lhes bastou e basta, para negociarem com Portuguezes, dizem que o *Hyssope*

não passa de um rasteiro e insipido transumpto do *Lutrin* de *Boileau*; em prova do seu recto juizo, citão sempre o seguinte verso do seu Poeta: (Lutrin, Canto IV.)

Qui de Bauny vingt fois a lu toute la somme. Supondo que o nosso Poeta haja tido a lembrança da *summa* de Sancto *Thomas*, porque *Boileau* se lembrou d'a de *Bauny*, não se segue, que este poema seja traslado do *Lutrin*: e ainda mesmo, quando tivéra pretendido imitar o dito verso, acharía desculpa, e até louvor, em todos os que entendem alguma cousa de poesia; pois *Boileau* imitou os antigos poetas latinos, e estes a *Homero*, e a outros Gregos, que talvez imitárão outros que não conhecemos: imitar em fim, tanto em literatura, como em Poesia, não é copiar, nem trasladar.

(10) Pag. 36. Verso 18.

Entre as rochas do *Bosphoro Cimmério*

O Bosphoro *Cimmério* é um estreito que fica na costa do Reino de *Napoles* junto a *Baias*. Os antigos poetas estabelecérão em esse sitio o palacio do *Somno*, e a lapa onde começava o caminho dos infernos.

(11) pag. 38, Verso 13 e 14.

Tens de *Serpa* o Auditor que o velho *Accursio*,
E *Barthôlo* o famoso só despréza,
Etc.

Certo Auditor, freire de *Avis*, e juiz ecclesiastico da villa de *Serpa*, em uma sentença que deu, re-

geitou a autoridade de *Accursio*, e de *Bártholo*, com o fundamento de serem autores Romanos, idolatras; e condemnou o Advogado a uma mulcta, por ter produzido os nomes de similhantes autores, em causa seria, e do fôro ecclesiastico.

(12) pag. 52, Verso 21.

É pasmar ver, Senhor, como um *pascasio*

O erudito *Moraes*, em o seu diccionario da lingua portugueza, não indica o numero singular d'este substantivo, e traz « *Pascasios*, s. m. pl. lingua de *Pas-* » *casios* i. é. affectada, por ser alatinada; pedan- » tesca. *Leão*, Orthogr. pag. 277. » — Não tendo á vista a Orthographia de *Duarte Nunes de Leão*, que, ha dous seculos, trabalhava em purgar a lingua portugueza dos vicios que a deslustravão, e que ainda a deslustrão; e não sabendo adivinhar o mais que elle disse sobre esta palavra, passo a dar a sua etymología: pode ser que nada mais diga, nem tão acertadamente como Elle.

Os que, lendo este poema, não tiverem á mão as obras de *D. N. de Leão*, me perdóurão este, acaso excusado, offerecimento que lhes faço, em abono do emprego que o nosso Poeta fez no *singular* da palavra *pascasios*.

Pascasio, palavra composta e, bem como outras muitas, singularmente nossas, derivada das Gregas: πᾶς, α, ᾶν. adj. que significa *todo*, e do verbo: σκάζω, que em sentido physico, e moral, lembra o defeito de *coxear*, *claudicar* etc. *Pascasio* quer dizer, quanto a mim, homem que *todo*, ou em *tudo* coxéa, manqueja, ou claudica, seja de corpo, seja

de juizo, ou seja emfim, em mesclar a sua lingua com expressões excusadas, e quasi sempre improprias, que por affectação vai buscar a idiomas que mal conhece: o que é prova incontestavel de cabal tolíce; O verbo σκάζω significando tambem — *ser tôlo* —, logo *Pascasio* é synonymo de *todo-tôlo*, *em tudo tôlo*, ou *rematado tôlo*; e bem podia o nosso Poeta fazer uso d'esta expressão em numero singular; pois de ser, por *Leão*, e por *Moraes*, somente indicada em *plural*, nada mais se colhe, que o triste juz que a muitos, ou a mais de um, compete de tão desgraçado epitheto.

(13) pag. 57, Verso 10.

Cansados rogos de importunos procos,

Em dous dos manuscriptos que tenho presentes acho a palavra — *porcos* em lugar de *procos*, e n'um d'elles a seguinte nota a margem — *companheiros de Ulysses.* — O annotador não se lembrou, que *Ulysses*, havendo perdido todos os seus companheiros, em a sua longa perigrinação, chegou sosinho á sua ilha de *Ithaca*, e que não podia encontrar lá os seus defuntos amigos, requestanto a sua mulher *Penelope*. Quão curiosos haverião sido os requébros d'esses amantes com visos de *porcos*!

Cicero e outros Classicos latinos fizérão emprego da palavra *Procus*; mas o nosso Poeta a tomou certamente de *Horacio*, e applicou a, como este, aos que sollicitavão a mão e o throno de *Penelope* (Hor. L. 3, od. 10.)

Non te Penelopen, difficilem procis,
Tyrrhenus genuit parens.

A palavra *Procus* vem da grega, προῖξ, κος que significa *dote*, *presentes*, *dadivas nupciáes*; e acha se muito bem adaptada a todo o que procura cazar se, levado pela cubiça do dote da noiva, ou pela ambição de possuir os seus bens, estado, ou grandeza.

Faço esta nota para provar que os manuscriptos d'Autores tanto antigos, como modernos, ainda os de melhor letra, encerrão ás vezes muitos erros que não devem ser imputados aos ditos Autores; Essas falhas provindo, ou da ignorancia dos amanuenses, quanto aos transumptos, ou até mesmo de descuidos nos autographos, podem dar lugar e desculpa a longos commentarios, como este, que somente versa sobre a transposição de uma letra.

(14) pag. 89, Verso 3.

Mais nobre, mais *gagé*, e mais xibante.

Gagé, palavra adoptada, em estylo de boas e honestas Sociedades, mormente pelas Damas, para se designar por ella uma Menina ou Senhora esbelta, agil e decentemente engraçada nos movimentos do seu corpo e cabeça. Vem do adjectivo francez *degagé*, que rigorosamente significa *desembaraçado*: más este epitheto *desembaraçado* não se pode unir em portuguez ao nome de Dama, sem se dar uma idéa pouco favoravel dos seus costumes; pois a expressão de mulher, ou Senhora *desembaraçada*, equivale em estylo culto, e supre, com civil modificação, á de mulher desenvolta. O nosso Poeta, como bom conhecedor de estylos, e bom pratico dos preceitos de *Horacio*, fez uso aqui da liberdade que concede este

Mestre aos homens de gosto apurado, e de atilado discernimento; e si adoptou esta expressão franceza, os usos do seu tempo, a ironía talvez, o estylo Héroi-comico do seu poema, e o exemplo de muitos Classicos portuguezes lh'o permitírão, e com louvor o desculpão: tanto mais que esta licença sempre foi por elle *sumpta pudenter.*

O mesmo podemos dizer da palavra — *xibante* — que remata este verso, e que é hoje mui bem acolhida nas melhores sociedades.

Quanto á de *fregóna*, que se acha no verso antecedente, parece-me ser expressão *provinciana*, e com especialidade, do *Alemtejo.* Tenho já ouvido appellidar *fregonas*, ou *fragonas*, as criadas que em qualquer casa se empregão nos trabalhos mais grosseiros, como cuzinhar, ammassar, esfregar etc. D'esfregar, supponho eu, deriva a palavra-*fregóna.*

(15) pag. 90, Verso 16 e 17.

Que, em regras economicas, bem pode
Dar sóta e az ao Grego *Xenophonte.*

Somos devedores ao historiador grego *Xenophonte*, alem de outras muitas obras que compoz, de um tratado sobre o regime cazeiro, ou governo domestico; o qual vem no quinto Livro dos *aphorismos memoraveis* que d'elle temos, como proferidos por *Socrates*, de quem fez tambem a apológia. Este quinto livro é intitulado Οἰκονομικὸς λόγος, *Discurso economico*, e a elle allude o nosso Poeta em estes dous versos.

Quanto a expressão — *dar sóta e az* — Sabe se que é rifão muito corrente, e derivado do jogo das

cartas ; o qual significa *grande avença*, que pode dar um habil jogador ao seu adversario menos habil ; e figuradamente, a superioridade que, em algum assumpto ou contenda, tem qualquer sobre outro, ou muitos antagonistas.

(16) pag. 91, Verso 19.

Quando empunhas sevêro a rubra vara.

A vara rubra, ou vermelha, é em *Portugal* o Symbolo das jurisdicções, ou justiças ordinarias, quaes as dos Almotaceis, Juizes ordinarios, Vareadores etc. : bem como a Vara branca distingue d'elles os Ministros, ou Juizes, que occupão lugares chamados de *letras*, por isso que devem ser occupados por pessoas que, moços, hajão ido a *Coimbra* aprender a ler, mal ou bem, o que depois provão muitas vezes não saberem soletrar. A Justica administrada em *Portugal* por um infindo numero dessas bitolas vermelhas e brancas, e com distinções que sempre são motivos de renhidas contendas, quando o não são de odios e de desordens, talvez seja uma das principaes causas da nossa infelicidade. Bom fôra que se indagasse de que côr éra a Vara que empunhou *Lopo Martins*, aquelle mercador, que El Rei D. *João* primeiro fez corregidor do Civel e Crime em toda a Cidade e termo de Lisboa. (V. *as Chron. de D. João* 1. *por Fernão Lopes*, *e por Duarte Nunes de Leão*.)

(17) pag. 92, Verso 6.

Si tu, oh estremada *Zamperini*,

Zamperini Comica cantora, Veneziana, que veiu

a Lisboa em 1770, com a qualidade de *prima Donna*, e á testa de uma companhia de comicos italianos, ajustados e trazídos de Italia pelo Sr. *Galli*, notario apostolico da Nunciatura, e banqueiro em negocios da Curia *Romana*.

Entregou-se a essa *virtuosa* sociedade o theatro da rua *dos Condes*. Como havia tempos que não se ouvíra *opera italiana* em Lisboa, foi grande o alvoroço que causou esta chegada de tantos *virtuosos*, mormente da Senhora *Zamperini*, que logo com sua familia foi grandiosamente alojada. Esta familia *Zamperini* compunha-se de tres irmãas, e de um Páe, homem robusto e bem apessoado que, a pezar de uma enorme cabeleira com que debalde pretendia dar quinau aos espertos alvidradores de idades, mostrava todavia, no semblante, poder exigir da Senhora *Zamperini* menos alguma cousa, que piedoso e filial respeito, ou dever lhe outorgar alguma cousa mais que a sua paternal benção.

Sendo forçoso custear esta especulação theatral, os Agentes, interessados n'ella, lembrárão-se de recorrer ao filho do Marquez de *Pombal*, o *Conde d'Oeiras*, então Presidente do Senado da Camara de *Lisboa*, que, já prêzo e pendente da encantadora voz da Sirêa *Zamperini*, annuiu sem difficuldade ao plano que lhe foi proposto. Sob os seus auspicios, ideou-se uma sociedade, com o fundo de 100 mil cruzados, repartido em 100 acções de 400 mil reis cada uma. Para alcance prompto d'esta quantia, lançou se uma finta sobre alguns negociantes nacionáes e estrangeiros, que em dia assignalado, e a horas fixas sendo juntos no Senado, sem saberem a que erão chamados, ouvírão da bocca do Conde Presidente as condições d'essa nova Sociedade theatral. N'uns, o

recêo de serem malvistos do Governo, n'outros, a vontade de agradar ao filho do primeiro Ministro, forão as poderosas considerações que os arrastrárão todos a assignar as ditas condições, das quaes a mais penosa era a da somma, que logo preenchêrão.

Parece que os inventores e agentes desta Sociedade tivérão por alvo singular, o de mulctar a austera sisudesa de alguns negocientes velhos; pois no rol dos Assignantes, a maior parte dos nomes éra de pessoas idosas, que nunca haviao sido vistas em publicos divertimentos. Em essa mesma Junta forão logo nomeados quatro Adminîstradores inspectores do theatro, os quaes, com o maior desinteresse, regeitando commissão e ordenado, se dérão por pagos e satisfeitos com a simples e modica retribuição de um camarote commum a todos quatro. *Ignacio Pedro Quintella*, Provedor da Companhia do *Gran Pará e Maranhão*, e tío do Illmo. actual Barão de *Quintella*, *Alberto Meyer*, *Joaquim José Estolano de Faria*, e *Theotonio Gomes de Carvalho* forão os nomeados Inspectores Administradores, *nemine discrepante.*

Poucos mezes depois da abertura deste theatro, assim montado e administrado, morreu o já indicado Pae da Senhora *Zamperini*: a Administração fez lhe um sumptuoso funeral, e no trigesimo dia, apoz o obito, magnificas exequias na Igreja do Loreto onde fôra sepultado. Alguns criticos de má lingua havião espalhado o boato de que, nessas exequias, havia de recitar a Oração funebre o Padre *Macedo*, a esse tempo muito bom, e justamente accreditado pregador, e poeta que já comprimentára a *Zamperini* com varios Sonetos, etc. O Patriarcha D. *Francisco de Saldanha*, receando que assim succedesse, mandou vir á sua

presenca o Padre *Macedo*, prohibiu lhe de orar em essas exequias; de ir a *Opera*; de fazer versos a *Zamperini*; e ordenou lhe de substituir por uma cabeleira o cabello que trazia, *á italiana*, bem penteado, e muito apolvilhado. Em vão allegou o P. *Macedo* com o exemplo dos clerigos da Nunciatura, que todos usavão de pomada e pós; e que a cabeleira offendía os canones: pois até os Padres, que délla usavão por causa de molestia, érão obrigados a impetrar *Breve* de *Roma*, que na Nunciatura éra taxado em um quartinho, por tempo de um anno de indulto. O Patriarcha foi inexoravel sobre este ponto da Cabeleira, e somente moderou a ordem de não ir á *Opera*, com o preceito unico de não apparecer na platêa, e com a faculdade de acantoar-se em fundo de algum Camarote, ou em frizma pouco aparente, como a do Auditor da Nunciatura, *Antonini*, e do Secretario do Card. *Conti*, o P. *Carlos Bacher*, e outros P. P. italianos, que, como elle, frequentavão a *Opera*, e a casa da *Zamperini*.

Não foi o P. *Macedo* o unico apaxonado admirador da *Zamperini*; muitos Poetas nacionáes e estrangeiros tributárão lhe obsequiosas inspírações das suas Musas. Entre elles distinguiu-se o Encarregado dos negocios de França, O *Chevalier de Montigny*, cujos lindos versos ainda são lembrados. Em todos os estados, e em toda a idade, encontrou essa Sirêa rendidos e rendosos adoradores. Em Dias Santos, á ultima Missa a que ella costumava assistir, na Igreja do Loreto, éra o concurso que apoz si chamava, numeroso e luzidissimo.

Antes de findos dous annos, e logo depois da morte do administrador *Ig. P. Quintella*, o fundo da Sociedade theatral achava se exhausto, e as re-

ceitas montando a tam pouco, que mal cobrião as despezas indispensaveis do serviço mais ordinario, os Administradores deixárão de pagar os salarios dos Comicos e dos musicos da Orchestra. Entre os primeiros havia um chamado *Schiattini*, tenor acontraltado, homem jovial, e poeta que, por haver pedido o que lhe era devído, em estylo que não agradou aos Administradores, foi por estes aquartelado na casa dos Orates, donde éra conduzido ao theatro, todas as vezes que havia Opera. *Schiattini* valendo se então do privilegio analogo ao alojamento a que fôra condemnado, vingava se em parodiar sobre a scena a parte, que no Drama lhe toccava, com satyras recitadas e cantadas, que divertião os espectadores á custa dos Agentes da Administração. Rescresceu a provocada raiva destes, e o pobre *Schiattini*, vendo-se em maior aperto, recorreu a El Rei D. José que, informado da injustiça com que era tratado, o admittiu na sua Capella.

Excusado é, parece-me, dizer que esta negociação theatral apenas durou até meado de 1774, que o Marquez de *Pombal* fez sahir de Lisboa a *Zamperini*; e ainda mais excusado relatar as causas désta Ordem do Governo; direi somente que os Accionistas não colhérão cousa alguma déssa empreza; pois achando-se empenhada e devedora a infinitos credores, não tiverão outro beneficio, que o que lhes resultava do privilegio especial de não serem obrigados a mais do que o fundo, que cada um julgou perdido, logo que com elle contribuiu.

Convenho que esta nota é sobejamente extensa; mas julguei necessario dar aos Leitores um fragmento, tal qual, da historia do nosso theatro, e desta Senhora *Zamperini*, tão louvada em estes outo

versos do nosso Poeta, que não perdia a occasião de admirar as prendas de tam celebre *virtuosa*; pois, como amigo intimo de *Theotonio Gomes de Carvalho*, éra admittido e frequentes vezes visto no Camarote da Administração.

(18) pag. 94, Verso 26.

» Quatro gatos mandou lançar de ferro. »

É muito original este methodo de restituir a voz e o som a um sino rachado, e bem celebrado fica por estes versos do nosso Poeta. Menos celebre não é a logração em que tambem cahiu certa Corporação Religiosa, que ainda conserva rachado o seu sino maior. Um Charlatão roubou-a de quantidade de marcos de prata fina, sob o pretexto de fazer uma solda particular com que havia de soldar o dito sino. Depois de sustentado á custa da Communidade, e de ter recebido algum dinheiro, á conta do promettido milagre, deixou sobre a eiva do sino um emplastro de chumbo, e, levando comsigo a prata, desappareceu.

(19) pag. 97, Verso 6.

A radiante luz de cem bugías

Esta palavra, *Bugía*, é definida por *Moraes* — vela de cera fina. — *Bougie*, na lingua francezo donde a trouxémos á nossa, vem do antigo francez *bouge*, que significa pequeno *aposento*, *quarto*, em Latim *Cellula*; por conseguinte-*bougie*, vela proporcionada ao pequeno aposento que ella allumia; e *bougeoir*, pequeno castiçal em que se poem essa pequena vela.

Os francezes hoje distinguem a *bougie*, do *Cierge*, da *Torche*, da *Chandelle* etc. — em portuguez Cirio, tocha, vela de sebo etc..

Alguns dizem que *bougie* e *bougeoir* vem do verbo neutro *bouger* — mover-se; — por serem de feitio e tamanho mui maneiros e azados para transporte de uma para outra parte. Venham donde vierem! — Dezejára somente que, visto termos adoptado a palavra *bugía*, tivessemos conservado a completa orthographia da sua origem, afora a desinencia, e que escrevessemos *bougía*; pois temos muitas palavras em que o ditongo *ou* se pronuncía *u*; e assim haveria differença, ao menos na escrita, entre uma pequena vela de cera, e *bugia*, fémea do *bugio*, ou *macáco*.

(20) pag. 97, Verso 13.

, — reina a Saude.

Esta locução significa — *ha muitos e repetidos brindes*; e não se deve entender da saude individual dos circunstantes. Faço esta observação, porque algumas pessoas tropéção aqui no sentido que dou, e que me parece ser o genuino.

(21) pag. 105, Verso 9.

— muito trato
Tive então com o sabio *Abracadabro*.

O nosso Poeta, com acertada invenção, *pessoalisou* em Magico, Encantador, ou Bruxo, o sabido *Talisman* ABRACADABRA, palavra magica que, dizem os Embusteiros, tem a virtude de curar febres, de

preveni-las, e de obstar a todas as molestias; ate á mesma morte. Esta palavra, gravada em algum metal, e em forma de triangulo, de modo que dous dos seus lados a repitam por inteiro, e que o terceiro conste só da letra A, onze vezes igualmente repetida, tem infindas virtudes. (V. Encyclopedia.)

Em a nota que sobre a palavra — Cabála — dei a pag. 119 desta obra, ja disse quanto podia dizer á cerca de taes loucuras, que todas tem a mesma origem; convem a saber: na ignorancia de uns, dominada pela má fé de outros.

(22) pag. 107, Verso 7.

C'um puxativo escalda, etc.

Escalda parece me ser synonymo de espada, catana etc. e será talvez, voz corrente em *Elvas*, e no Alemtejo, más de certo, em estylo familiar; bem como — *ferrumpéa*, *ferrusca* ou *farrusca*, *tarasca*, *ferrugenta*, *Maria francisca*, *timebunt* etc. são nomes que em Portugal o povo de varias Terras dá, familiarmente falando, á essa arma.

O Leitor deverá lembrar-se que a pag. 90, o nosso Poeta introduziu, no numero dos Convidados, este Prior da *Alcaçova d'Elvas*, e o pintou de loba e cappa,

Mas debaxo do braço co' a *Catana*

Que aqui appelída — *puxativo escalda*, e logo mais abaxo — *brilhante Durindana.*

(23) pag. 113, Verso 26.

— as remendadas Pias.

Pia, em termos de *Coudelaria*, é o nome que se dá

ao cavallo de cor branca e preta; esta palavra vem do francez *pie* que significa *Pega*, passaro malhado de branco e preto. Os françezes dão o nome désta ave aos cavallos que, com as cores d'ella, são betados; e *Voltaire*, pela mesma razão, o deu tambem aos frades *Dominicos*.

O adjectivo, *remendadas*, significa que as malhas são maiores, ou menos symmetricas (Vid. *Mordes*, no seu diccion. pal. *Remendado*.)

Por tanto, *Remendadas Pias* significão Cavallos, ou Eguas malhadas de branco e preto; e assim pintárão os antigos poetas os Cavallos do Carro da *Aurora*, com o fim de mais claramente indicar que a Aurora é, em tempo, o estado medio participante das trevas da noite, e da luz do dia.

FIM DAS NOTAS

ERRATA.

ERROS.				EMENDAS.
Pag.	*Verso.*			
2.	v.	24.	Naçao	Nação
5.	v.	24.	estado	estudo
8.	v.	17.	nunco	nunca
10.	v.	5.	Do quando	De quando
20.	v.	9.	frenesim	frenesí, ou phrenesí
53.	v.	1.	Lelios	Lullos, ou Lullios.
61.	v.	6.	esse horas	essas horas
65.	v.	25.	Vosso	Vossa
68.	v.	27.	c'um corda	c'uma corda
71.	v.	2.	De brilhante	Do brilhante
77.	v.	20.	Entre unhas	Entre as unhas
89.	v.	8.	Empyrica	empirica
95.	v.	5.	sublileza	subtileza
96.	v.	14.	óvos Mólles	Ovos molles
108.	v.	3.	entrahas	entranhas.

EM AS NOTAS

116.	l.	4, e 5.	obrgiação	obrigação
117.	l.	6.	a Poeta	o Poeta.

Advirta o Leitor que aonde encontrár as palavras ompostas, *grão*-Prelado; *grão*-rumor, etc, deve corgi-las em *gran*-Prelado, *gran*-rumor, etc, e que *Visth* e *Wist* deve ser ser escrito *Whist.*